A fotografia

A fotografia

Às vezes, uma lembrança esquecida
é o começo de um destino.

M.M.Avelino

Sumário

Capítulo	página
1 -	3
2-	13
3-	17
4-	22
5-	36
6-	49
7-	74
8-	83

O que o sorriso não revela, os olhos não escondem.

Eu costumava achar que tudo começava bem com um sorriso. Uma vez disse ao concluir que estava apaixonada: "Nós começamos bem porque iniciamos com um sorriso". Eu estava enganada!

PRÓLOGO

Uma fotografia não mente Algumas fotografias envelhecem. Outras envelhecem as pessoas que aparecem nelas. E havia fotografias que faziam algo ainda pior: guardavam sentimentos que todos haviam tentado esquecer. Carla Bacci ainda não sabia disso...

Naquela manhã, enquanto caminhava pelos corredores envidraçados da Sales & Ortega Perfumaria, ela pensava apenas na reunião da diretoria, nos relatórios que precisava apresentar e na maneira como conseguiria passar pelas próximas duas horas sem olhar para Washington Sales. Era uma preocupação inútil. Porque, desde que chegara à empresa, Carla tinha percebido uma coisa: Washington já estava ali. E ele estava olhando para ela. Não demorou muito para que seus olhos se encontrassem através do corredor. Um segundo. Talvez menos. Foi suficiente. Washington desviou o olhar primeiro. Carla respirou fundo. Aquilo precisava acabar. Não porque ela não sentisse. Mas justamente porque sentia demais.

E havia sentimentos que, quando alimentados, podiam destruir a vida de três pessoas. Ou quatro. Ela ainda não sabia que, naquela manhã, uma conversa com Margarida Sales mudaria tudo. Nem sabia que uma fotografia escondida havia décadas começaria a colocar em dúvida a história que todos acreditavam conhecer.

CAPÍTULO 1 Antes da reunião.

Às oito e quarenta da manhã, a sala principal da diretoria já começava a ficar movimentada. A Sales & Ortega ocupava um dos edifícios comerciais mais conhecidos da cidade. O empreendimento havia crescido a partir de uma pequena fábrica criada pelos patriarcas das duas famílias e, décadas depois, transformara-se em uma das maiores empresas brasileiras do setor de perfumaria. Naquela manhã, porém, os números pareciam menos importantes do que as pessoas que se sentavam ao redor da grande mesa de madeira. Carla estava próxima à janela, segurando uma pasta contra o peito.— Você está nervosa? — perguntou Mariana Ortega.

Carla sorriu sem humor. — Eu? — Sim. Você. — Por que eu estaria? Mariana ergueu uma sobrancelha. — Porque você está segurando essa pasta como se ela tivesse cometido um crime. Carla olhou para as próprias mãos. Afrouxou os dedos. — Talvez ela tenha. Marcos Ortega, que acabava de entrar na sala, ouviu a última frase. — Quem cometeu crime? — A pasta — respondeu Mariana. Marcos riu. — Ainda bem. Por um momento achei que fosse minha esposa. Carla finalmente sorriu. Marcos se aproximou e colocou uma mão no ombro da esposa. — Bom dia, Carla. — Bom dia. — Ton já chegou? A pergunta fez o sorriso dela desaparecer por uma fração de segundo. Mariana percebeu. Marcos não. — Chegou — respondeu Carla. — Está lá fora falando com meu pai. — Então provavelmente vai chegar atrasado — brincou Mariana. — Ele nunca chega atrasado para uma reunião de diretoria — disse Marcos. — Só para coisas que não quer fazer. Carla abaixou os olhos. — Isso explica muita coisa. Mariana olhou para ela. — Carla... — O quê? — Nada. Antes que Mariana pudesse continuar,

a porta da sala se abriu. Margarida Sales entrou. A conversa diminuiu imediatamente. Margarida não precisava levantar a voz para ser respeitada. Aos olhos dos funcionários, ela era uma mulher elegante, firme e difícil de impressionar. Era impossível esconder alguma coisa de Margarida por muito tempo. Ela cumprimentou alguns membros da diretoria com um aceno e caminhou diretamente para dentro da sala. Então parou. Seus olhos encontraram Carla. — Carla. A jovem levantou a cabeça. — Sim, dona Margarida? — Posso interromper vocês um instante? Mariana imediatamente entendeu que aquilo não era um pedido. — Claro. Margarida fez um gesto discreto para Carla. — Venha comigo. Carla sentiu o coração acelerar. — Agora? — Agora. Mariana acompanhou Carla com os olhos. Marcos também. Carla saiu da sala atrás de Margarida. Assim que a porta se fechou, Mariana olhou para o marido . — Isso não me pareceu bom. Marcos deu de ombros. — Se fosse ruim, Margarida não teria chamado Carla daquele jeito.

Do lado de fora, Carla caminhava ao lado de Margarida em silêncio. — Aconteceu alguma coisa? — perguntou finalmente. — Não. Carla olhou para ela. — Então por que a senhora me chamou? Margarida continuou andando. — Porque eu precisava conversar com você sem outras pessoas por perto. A resposta não a tranquilizou. Quando chegaram a uma pequena sala reservada próxima à diretoria, Margarida abriu a porta. — Entre. Carla entrou. Margarida fechou a porta. O silêncio que veio depois pareceu grande demais para uma sala tão pequena. — Sente-se. Carla sentou. Margarida permaneceu de pé por alguns segundos. Depois puxou a cadeira à frente dela. — Carla, eu quero que você saiba de uma coisa. — Sim? — Eu gosto de você. Carla piscou. — Eu também gosto muito da senhora. — Não foi isso que eu quis dizer. Carla ficou imóvel. Margarida respirou profundamente. — Eu vejo você como filha. A frase atingiu Carla de maneira inesperada. Por alguns segundos ela não conseguiu responder. Margarida percebeu. — Sei que isso pode parecer estranho.

— Não... não parece. — Sua tia me contou muitas coisas sobre sua infância. O rosto de Carla suavizou. — Tia Marieta fala demais. — Não quando se trata de você. Margarida sorriu discretamente. — Marieta nunca falou de você como quem fala de uma sobrinha. Falava como uma mãe. Carla desviou o olhar. — Ela foi minha mãe. — Eu sei. Margarida segurou as próprias mãos sobre a mesa. — Quando seus pais morreram, você tinha sete anos. Marieta poderia ter seguido a própria vida. Poderia ter se casado, viajado, feito tudo o que uma mulher jovem faria naquela época. Carla sentiu os olhos arderem. — Mas ela ficou comigo. — Ficou. — Nunca me fez sentir que eu era um peso. — Porque você nunca foi. Carla engoliu em seco. — Eu sei disso. Margarida a observou por alguns segundos. — Talvez seja justamente por isso que eu tenha decidido falar com você hoje. Carla sentiu a tensão voltar. — Sobre o quê? Margarida não respondeu imediatamente. Então disse: — Sobre meu filho. Carla ficou completamente imóvel. O silêncio mudou. — Washington? — Ton — corrigiu Margarida.

Carla baixou os olhos. — O que tem ele? — Eu vejo a maneira como você olha para ele. Carla levantou o rosto. — Dona Margarida... — Não precisa negar. — Eu não... — Carla. A voz de Margarida não era acusadora. Era quase maternal. Isso tornou tudo pior. — Eu não quero causar nenhum problema. — Eu sei. — Então não entendo... — Você gosta dele. Carla abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Margarida inclinou-se ligeiramente para frente. — E ele gosta de você. Carla sentiu o rosto esquentar. — Washington é casado. — Separado. — Ainda casado. — Legalmente. — Para mim, isso importa. Margarida ficou em silêncio. Carla continuou: — Eu não quero estar no meio de um casamento. — Esse casamento acabou há muito tempo. — Mas existe uma criança. A expressão de Margarida mudou. — Eduardo. Carla assentiu. — Ele tem cinco anos. — Eu sei. — E é justamente por isso que eu não consigo simplesmente pensar em mim. Margarida respirou fundo. — Você acha que meu filho pensa em você como uma aventura? Carla não respondeu. — Porque, se pensa, está errada.

— Eu não disse isso. — Mas está com medo disso. Carla apertou as mãos sobre o colo. — Tenho medo de muita coisa. — Inclusive de ser feliz? A pergunta fez Carla levantar os olhos. Margarida continuou: — Você passou a vida tentando fazer tudo certo, Carla. Eu conheço esse tipo de mulher. — A senhora não me conhece tanto assim. — Conheço mais do que imagina. Carla sorriu tristemente. — Então sabe que não posso amar um homem que ainda pertence a outra mulher. Margarida franziu a testa. — Pertencer? — É uma maneira de falar. — Não. Não é. Ela se inclinou. — Meu filho não pertence a Myrtes. Carla ficou em silêncio. — Myrtes não quer Washington — continuou Margarida. — Ela quer aquilo que consegue obter através dele. — Dona Margarida... — Você precisa saber com quem está lidando. — Eu não quero falar mal dela. — Eu quero. Carla quase sorriu. Margarida não. — Aquela mulher transforma Eduardo em uma ponte. Carla perdeu o sorriso. — Como assim? — Toda vez que Washington tenta colocar um ponto final na relação, ela aparece com o menino.

— Talvez ela queira preservar a família. Margarida soltou uma risada curta. — Família? — Sim. — Carla, eu vi essa família nascer. Ela recostou-se. — Vi meu filho apaixonar-se. Vi Myrtes mudar. Vi os dois se afastarem. Vi as brigas. Vi as reconciliações. Vi meu filho voltar para casa destruído. Carla sentiu uma pontada no peito. — E Eduardo? A expressão de Margarida suavizou. — Eduardo é inocente. — Eu sei. — É por isso que eu tenho tanta raiva da situação. Carla olhou para a janela. — Uma criança não deveria precisar escolher entre os pais. — Exatamente. — Então talvez Washington devesse continuar tentando. Margarida ficou em silêncio. — Você realmente acredita nisso? Carla demorou a responder. — Eu acredito que um pai deve fazer tudo pelo filho. — E se fazer tudo pelo filho significar continuar vivendo uma mentira? Carla não respondeu. Margarida percebeu que havia tocado no ponto certo. — Washington não vive com Myrtes há dois anos. Carla sabia. Mesmo assim, ouvir aquilo em voz alta lhe causou desconforto. — Eu sei. — Ele voltou para casa da família porque não sabia para onde ir.

— Isso não muda o fato de que... — Eu sei o que você vai dizer. Margarida levantou a mão. — Você vai dizer que, enquanto não houver divórcio, você não vai ultrapassar uma linha. Carla respirou fundo. — Sim. Margarida sorriu. — É exatamente por isso que gosto de você. Carla franziu a testa. — Isso não é muito justo. — O quê? — Gostar de mim porque eu digo não ao seu filho. Margarida riu pela primeira vez. — Talvez eu goste justamente porque você é a primeira mulher que conseguiu dizer não a ele. Carla também sorriu. Mas a tensão não desapareceu. Margarida então acrescentou: — E tem outra coisa. — O quê? — Ton pergunta por você. O sorriso de Carla desapareceu. — Pergunta? — Quase todos os dias. — Sobre mim? — Sobre você. Margarida apoiou os cotovelos na mesa. — Ele pergunta se você vem trabalhar. Pergunta se você está bem. Pergunta se você almoçou. Carla ficou em silêncio. — E quando eu digo que você está ocupada, ele finge que não se importa. Carla soltou um pequeno suspiro. — Ele não deveria fazer isso. — Fazer o quê? — Se importar. — Por quê?

— Porque complica tudo. Margarida ficou olhando para ela. — Você sabe que ele gosta do seu jeito, não sabe? Carla sentiu o coração bater mais rápido. — Não quero saber. — Então por que ficou nervosa? Carla não respondeu. Margarida sorriu. — Está vendo? — Eu preciso voltar para a reunião. — Ainda não. Carla a encarou. — Ainda não? — Quero que você me prometa uma coisa. — O quê? — Não fuja dele por medo. Carla respirou fundo. — Não posso prometer isso. — Então prometa que não vai machucá-lo de propósito. Carla baixou os olhos. — Isso eu posso prometer. Margarida assentiu. — Já é suficiente. Quando Carla levantou, Margarida segurou sua mão. — E Carla? — Sim? — Não permita que a culpa faça você acreditar que não merece ser amada. Carla ficou imóvel. Aquela frase entrou em um lugar dentro dela que ninguém havia tocado. — Obrigada. Margarida soltou sua mão. — Agora vá. Carla abriu a porta. Mas antes de sair, ouviu: — E, por favor... Ela olhou para trás. — Não conte ao Ton que eu falei que ele pergunta por você. Carla sorriu. — Não vou. — Ótimo. — Por quê?

Margarida levantou uma sobrancelha. — Porque meu filho é muito convencido. Carla riu. Foi a primeira vez naquela manhã que conseguiu rir de verdade. Ela saiu. E encontrou Washington no corredor.

CAPÍTULO 2 O homem no corredor.

Ele estava encostado na parede, com os braços cruzados. Carla parou. Washington também. Por alguns segundos, nenhum dos dois falou. — Você estava com minha mãe — disse ele. — Estava. — Ela brigou com você? Carla quase sorriu. — Não. — Tem certeza? — Tenho. Washington se aproximou. — Então por que está com essa cara? Carla apertou a pasta contra o corpo. — Que cara? — A cara de quem está tentando não pensar em alguma coisa. — Você sempre acha que sabe o que estou pensando. — Nem sempre. — Ainda bem. Ele sorriu. — Carla... Ela olhou para ele. Aquele era o problema. Washington tinha um sorriso capaz de fazê-la esquecer por alguns segundos todos os motivos que tinha para manter distância. — O que foi? — perguntou. — Nada. — Minha mãe falou de mim?

Carla desviou o olhar. Washington percebeu. — Falou. — Falou. — O quê? — Coisas de mãe. — Isso não responde. — Então considere que não ouvi nada. Ele riu. — Você é péssima mentindo. — E você é péssimo perguntando. — Talvez. Ele ficou sério. — Ela falou de Myrtes? Carla sentiu a mudança. — Um pouco. Washington respirou fundo. — Eu imaginei. — Ton... — Não precisa defender ela. — Eu não estou defendendo. — Está. — Estou tentando entender. — Não há mais nada para entender. Carla olhou diretamente para ele. — Há uma criança. Washington ficou em silêncio. — Eduardo tem cinco anos — continuou ela. — Ele não entende o que acontece entre vocês. — Eu sei. — Então pare de dizer que não há nada para entender. A voz de Carla saiu mais firme do que pretendia. Washington abaixou os olhos. — Você acha que eu não penso nele? — Acho que pensa. — Todos os dias. Ele respirou fundo. — É justamente por ele que eu ainda estou preso nessa história. Carla ficou em silêncio.— Você não sabe quantas vezes eu tentei terminar tudo — disse ele.— E quantas vezes voltou?

A pergunta o atingiu. — Muitas. — Então talvez ainda exista alguma coisa. Washington olhou para ela. — Existe. Carla sentiu o peito apertar. — O quê? — Culpa.Ela não esperava aquela resposta. — Só culpa? Ele demorou. — E responsabilidade. — Amor? Washington não respondeu. O silêncio foi resposta suficiente. Carla fechou os olhos por um instante. — Eu não posso fazer isso. — Fazer o quê?— Ficar esperando você decidir. — Eu não pedi que esperasse. — Mas continua vindo atrás de mim. Ele se aproximou mais. — Porque eu não consigo evitar. Carla deu um passo para trás. — Então precisa aprender. — Carla... — Não.Ela segurou a pasta com força. — Eu gosto de você. Washington ficou imóvel. Era a primeira vez que ela dizia aquilo em voz alta. — Mas isso não significa que eu aceite qualquer lugar na sua vida. Ele respirou fundo. — Você nunca seria qualquer lugar.Carla sentiu os olhos encherem. — Não diga isso. — É verdade. — Não diga. — Por quê? — Porque eu quero acreditar. Ele ficou em silêncio. Carla passou por ele.Mas antes de entrar na sala de reunião, Washington falou:

— Eu vou resolver. Ela parou. Não se virou. — Resolva primeiro. E entrou. Washington ficou sozinho no corredor. Pela primeira vez em muito tempo, entendeu que talvez tivesse chegado ao limite. Não o limite de Carla. O dele.

CAPÍTULO 3 O Fruto do passado.

Naquela mesma manhã, em outro lugar da cidade, Eduardo estava sentado no banco traseiro do carro. Myrtes dirigia. — Mamãe? — Oi. — O papai vai buscar eu hoje? Myrtes permaneceu olhando para a estrada. — Não sei.— Ele falou que ia. — Seu pai fala muitas coisas. Eduardo abaixou a cabeça. — Ele gosta de mim. Myrtes olhou pelo retrovisor. — Claro que gosta. — Então por que ele não mora com a gente? A pergunta ficou suspensa dentro do carro. Myrtes apertou o volante. — Porque adultos têm problemas. Eduardo ficou quieto. Depois perguntou: — É por causa da moça? Myrtes congelou. — Que moça? — A amiga do papai e da vovó.— Quem falou dela? — Papai. Myrtes respirou fundo.— O que ele falou? — Que ela é amiga.Myrtes apertou os lábios.

— Amiga. Eduardo confirmou com a cabeça. — Ele sorri quando fala dela. A expressão de Myrtes endureceu. — Eduardo, você não deve ficar prestando atenção nessas coisas. — Mas eu gosto quando papai sorri. Myrtes não respondeu. — Eu queria que ele sorrisse comigo também. Dessa vez, ela olhou para o filho pelo espelho. A frase deveria ter doído. Mas havia outra coisa dentro dela.Medo. Medo de perder o homem. Medo de perder o dinheiro. Medo de perder o controle. E, talvez pela primeira vez, Myrtes percebeu que os três eram coisas diferentes. Ela precisava descobrir qual deles realmente importava.

A reunião Às nove e quinze, todos estavam sentados. Washington ocupava seu lugar. Carla estava do outro lado da mesa. Mariana percebeu que nenhum dos dois olhava diretamente para o outro. Marcos, sentado ao lado de Washington, cochichou:— Brigaram? Washington respondeu sem olhar para ele: — Não. — Então por que vocês estão parecendo duas pessoas que acabaram de brigar?— Porque você fala demais. Marcos sorriu. — Aí está meu amigo. Margarida entrou por último.

Sentou-se. A reunião começou. Durante quase uma hora, números, investimentos e lançamentos foram discutidos. Até que chegou a vez de Carla apresentar um relatório. Ela levantou-se. Ligou a apresentação. Sua voz começou firme. — O crescimento da linha feminina no último trimestre...Washington olhou para ela. Carla percebeu. Continuou falando. — ...mostra uma mudança importante no comportamento do consumidor. Ele continuou olhando. Ela evitou. Mariana percebeu. Margarida também. Mas ninguém disse nada. Até que a porta se abriu. Uma secretária entrou apressada. — Desculpem interromper. Todos olharam. — Senhor Washington, sua esposa está na recepção. O silêncio foi imediato. Carla ficou imóvel. Washington empalideceu e disse — na próxima vez use o telefone .— A secretaria tentou explicar que não conseguiu usar o telefone por problemas técnicos mas Washington já estava com muita raiva. Marcos olhou para o amigo. Mariana olhou para Carla. E Carla finalmente entendeu. A guerra que Washington dizia estar terminando acabara de entrar pela porta da empresa. — Ela disse que

precisa falar com o senhor — continuou a secretária. Washington levantou-se. — Diga que estou em reunião. A secretária hesitou. — Ela disse que trouxe Eduardo. Washington parou. Carla sentiu o coração afundar. Margarida levantou-se. — Eu vou falar com ela. — Mãe... — Fique. Margarida saiu. Washington permaneceu de pé. Carla não conseguia mais olhar para ele. Porque, naquele momento, não era apenas uma esposa que estava esperando do lado de fora. Era uma criança. E, quando uma criança está envolvida, nenhum sentimento permanece simples.

A porta Margarida chegou à recepção. Myrtes estava sentada com Eduardo ao lado. O menino segurava um pequeno carrinho vermelho. Quando viu a avó, abriu um sorriso. — Vovó! Margarida se aproximou imediatamente. — Meu amor. Abaixou-se e o abraçou. Eduardo apertou o pescoço dela. — Eu quero ver papai. Margarida acariciou seus cabelos. — Ele está trabalhando. — Posso falar com ele? Myrtes levantou-se. — É justamente por isso que estamos aqui. Margarida olhou para ela. — Poderia ter ligado. — Ele não atende.

— Porque está trabalhando. Myrtes sorriu. — Ou porque está evitando. Margarida endureceu. — Não faça isso na frente de Eduardo. — Eu não fiz nada. — Ainda. Myrtes cruzou os braços. — Quero conversar com Washington. — Sobre? — Sobre nosso casamento. Margarida ficou em silêncio. — Então converse com ele sem usar Eduardo como motivo para entrar aqui. O rosto de Myrtes mudou. — Eu não uso meu filho. — Espero que não. Eduardo olhou para as duas. — Vovó está brava? Margarida imediatamente suavizou a expressão. — Não, meu amor. Myrtes segurou a mão do menino.— Vamos esperar seu pai. Margarida observou os dois. E naquele instante percebeu algo que a preocupou mais do que qualquer discussão entre adultos. Eduardo estava olhando para a porta do elevador. Esperando o pai. Esperando que Washington aparecesse. Mas não sabia que, naquele mesmo instante, Washington estava diante de outra porta. A porta da sala de reuniões. E atrás dela estava Carla. Uma mulher que ele desejava.

Uma mulher que se recusava a aceitá-lo enquanto ele continuasse dividido. E talvez fosse justamente isso que tornava Carla tão perigosa para todas as certezas que ele havia construído.

Tia Marieta. A reunião terminou pouco depois das dez. Carla recolheu seus documentos rapidamente. Precisava sair. Precisava respirar. Precisava ficar longe de Washington. Ao passar pelo corredor dos arquivos antigos, porém, ouviu uma voz. — Carla? Era Marieta. Carla virou-se. — Tia? Marieta trabalhava naquele prédio havia muitos anos, embora já não fosse secretária de Margarida. A amizade entre as duas mulheres permanecera intacta. — Você está bem? Carla sorriu. — Estou. Marieta conhecia aquele sorriso. Era o mesmo que Carla usava aos sete anos quando dizia que não estava triste depois da morte dos pais. — Não está. Carla desviou os olhos. — Hoje não. Marieta se aproximou. — Margarida falou com você? Carla ficou surpresa. — Como sabe? — Porque conheço Margarida. Marieta sorriu. — E conheço você. Ela tocou o braço da sobrinha. — Tome cuidado, Carla.

— Eu sei. — Não estou falando de Washington. Carla franziu a testa. — Então de quê? Marieta olhou para o corredor. — Algumas histórias de família não ficam enterradas por alguma razão. —Carla entendeu — A Margarida gosta de você como filha, mas o Washington é que é o filho dela e ela vai lutar pela felicidade dele. E se a felicidade dele for com a ex-esposa, tudo estará resolvido, mas você estará ferida. E todos lamentarão, mas seguirão a vida sem feridas abertas. — Marieta, entendendo que não devia mais colocar sal na ferida, apenas abraçou a sobrinha e saiu. Carla ficou sozinha no corredor, com vontade de chorar.

CAPÍTULO 4 A mulher que sempre voltava.

Washington permaneceu alguns segundos parado no corredor depois que Margarida saiu. Através da porta de vidro, conseguia enxergar parte da sala da diretoria. Carla estava recolhendo os documentos. Ela não olhava para ele. Talvez fosse melhor assim.— Ton. Washington virou o rosto. Marcos vinha em sua direção. — O que aconteceu? — Myrtes está na recepção.— Eu sei.

— Com Eduardo. — Eu sei. Marcos parou diante dele. — Quer que eu vá com você? Washington balançou a cabeça. — Não. — Tem certeza?— Tenho. Marcos conhecia o amigo o suficiente para perceber quando ele queria companhia e quando precisava enfrentá-la sozinho. — Então não faça nenhuma besteira. Washington soltou uma risada sem humor. — Defina besteira. — Tomar uma decisão porque está com raiva. — Não estou com raiva. Marcos o encarou. — Está. Washington passou a mão pelo rosto. — Eu estou cansado.— Isso eu acredito. Marcos deu um passo para o lado. — Então vá. Resolva uma coisa de cada vez. Washington assentiu. Antes de sair, olhou para dentro da sala. Carla estava de costas. Por algum motivo, aquilo lhe doeu. Ele queria que ela olhasse. Ao mesmo tempo, sabia que não tinha direito de pedir isso.Myrtes estava em pé quando Washington chegou à recepção. Eduardo brincava sentado em uma das poltronas. Assim que viu o pai, levantou-se. — Papai!Washington sorriu imediatamente. — Ei, campeão. Eduardo correu até ele.

Washington se abaixou e o abraçou. — Você veio me visitar?— Eu queria ver você. — Eu também queria ver você. Eduardo sorriu. Por alguns segundos, o mundo de Washington pareceu voltar ao lugar. Até Myrtes falar: — Precisamos conversar. Washington levantou-se devagar. — Aqui? — Em algum lugar onde ninguém fique ouvindo. Ele olhou para Eduardo.— Vou levar você para minha sala. Myrtes imediatamente respondeu: — Não. Washington a encarou. — Não? — Quero conversar com você primeiro. — Myrtes, Eduardo está aqui. — Justamente. Washington respirou fundo. — Então não transforme isso em uma discussão. Ela se aproximou. — Eu não vim discutir.— Por que veio? Myrtes hesitou. — Porque você não atende minhas ligações. — Quando é importante, você pode mandar mensagem. — Eu mandei. — Eu estava trabalhando. — Você sempre está trabalhando.Washington percebeu o tom. — O que você quer? Myrtes olhou rapidamente para Eduardo. — Quero saber se existe outra mulher.
Washington ficou em silêncio.— Responda. — Isso importa?

— Para mim, sim. — Você e eu estamos separados há dois anos. — Separados não significa divorciados. — E isso é responsabilidade de quem? Myrtes cruzou os braços. — Sua também. — Eu tentei conversar sobre isso. — Tentou quando? Washington riu amargamente. — Várias vezes. — E eu nunca disse que não queria conversar. — Não. Você sempre disse que precisava pensar. Myrtes aproximou-se. — Talvez eu estivesse esperando você mudar de ideia. — Eu mudei. Ela ficou imóvel. — Há quanto tempo? Washington não respondeu. Myrtes estreitou os olhos. — É ela? Ele não precisava perguntar quem era. — Não faça isso. — É ela? — Myrtes... — A moça da empresa? Washington baixou a voz.— Não envolva Carla nisso. Myrtes sorriu. Era um sorriso pequeno. Perigoso. — Então existe uma Carla. Washington percebeu tarde demais que havia confirmado mais do que pretendia.Myrtes olhou para Eduardo. O menino observava os dois. — Você não pode fazer isso comigo.Washington fechou os olhos por um instante. — Não estou fazendo nada com você.— Está. — Estamos separados.

— Você tem uma família. Washington olhou para o filho. — Eu sei. — Então pense nele. — Eu penso nele todos os dias. — Então volte para casa. Washington ficou em silêncio. Eduardo aproximou-se. — Papai... Washington abaixou-se. — Oi.— Você vai voltar hoje? A pergunta o destruiu. Washington olhou para o filho. — Voltar para onde? Eduardo respondeu naturalmente: — Para casa. Myrtes permaneceu em silêncio. Washington passou a mão pelos cabelos do menino. — Filho, papai...Ele parou. Não sabia como explicar uma separação para uma criança de cinco anos. Muito menos como explicar que duas pessoas podiam morar longe uma da outra e ainda assim continuar sendo pai e mãe. — Papai mora na casa da vovó agora — disse. Eduardo fez uma pequena careta. — Eu sei. — Então... — Mas eu queria que você morasse comigo. Washington sentiu a garganta fechar. — Eu sei. Eduardo olhou para a mãe. Depois novamente para o pai.— Você não gosta mais da mamãe? Washington ficou sem resposta. Myrtes observava.
Aquela pergunta não deveria ter sido feita.
Não daquela maneira.

— Eduardo — disse Washington suavemente —, as coisas entre adultos são complicadas. — Você gosta dela? Washington demorou alguns segundos. — Sua mãe sempre será importante porque é sua mãe. Eduardo pareceu não entender. — Mas você gosta dela? Washington olhou para Myrtes. Depois para o filho. — Eu quero que todos fiquem bem. Eduardo abaixou os olhos. Não era a resposta que queria.Myrtes percebeu. E naquele momento, Washington também percebeu uma coisa dolorosa: Eduardo não precisava saber quem estava certo. Ele só queria o pai.Margarida observava tudo de longe. Quando Washington se afastou com Eduardo, ela aproximou-se de Myrtes. — Você não deveria ter trazido o menino para uma conversa dessas. Myrtes virou-se. — Ele é filho dele. — Exatamente. — E tem direito ao pai. — Tem. Margarida sustentou o olhar.— Mas não tem direito de carregar os problemas dos adultos nas costas. Myrtes ficou irritada. — A senhora sempre me culpa. — Não. Margarida respondeu com tranquilidade. — Eu culpo todos nós. — Inclusive seu filho?

— Principalmente meu filho quando ele merece. Myrtes não esperava aquela resposta. — Então pergunte a ele por que nunca termina o que começa. Margarida ficou em silêncio. Myrtes pegou a bolsa. — Eu só quero minha família de volta. Margarida olhou para ela. — Você quer seu marido de volta? Myrtes não respondeu. — Ou quer a vida que tinha quando era casada com ele?A pergunta atingiu Myrtes. — Qual é a diferença? Margarida respondeu: — Para você, talvez nenhuma. Do outro lado do prédio, Carla estava sozinha no corredor. Mariana aproximou-se. — Você está bem? — Estou.— Não está. Carla soltou o ar. — Por que todo mundo insiste nisso? — Porque você tem uma expressão horrível quando mente. Carla sorriu. — Marcos disse a mesma coisa para Washington. Mariana ficou séria. — Você falou com ele? — Sim. — E?Carla hesitou. — Ele disse que gosta de mim. Mariana fechou os olhos. — Meu Deus. — Pois é. — E você? Carla olhou para ela. — Eu também. Mariana segurou o braço da amiga.— Carla... — Eu sei. — Você sabe mesmo? — Sei. — Então por que continua? Carla demorou.

— Porque eu não sei como deixar de sentir. Mariana ficou em silêncio. Carla olhou para a recepção. — E agora ela está aqui. — Myrtes? Carla assentiu. — Com Eduardo. Mariana respirou fundo. — Isso muda as coisas. — Muda. — Você vai se afastar?Carla olhou para a amiga. — Eu deveria. — Mas? — Não sei. Naquela tarde, Washington voltou para casa sozinho. Eduardo havia ido embora com Myrtes. Margarida estava na cozinha quando ele entrou. — Ele foi embora? — Foi.— Como ele está? Washington tirou o paletó. — Confuso. Margarida permaneceu em silêncio. — Ele perguntou se eu não gosto mais da mãe dele. Margarida abaixou os olhos. — E o que você respondeu? — Que as coisas entre adultos são complicadas. — Foi uma boa resposta. — Não pareceu. Margarida se virou.— Porque você queria dar uma resposta que resolvesse a vida dele. Washington sentou-se. — Eu odeio isso. — O quê? — Fazer meu filho sofrer. Margarida sentou-se diante dele. — Então pare de viver no meio. Washington levantou os olhos. — Não é tão simples. — Eu sei.— Não, mãe. Você não sabe. — Sei mais do que você pensa

— Então me diga o que eu faço. Margarida respirou fundo. — Escolha. — Entre Myrtes e Carla? — Não. Washington ficou surpreso. — Entre duas mulheres? — Entre duas vidas.Ele ficou em silêncio. Margarida continuou: — Enquanto você continuar tentando não ferir ninguém, vai continuar ferindo todos. Washington abaixou a cabeça. — E Carla? — O que tem Carla? — Ela não quer ser a outra. — E está certa. — Eu sei. — Então resolva sua vida antes de pedir que ela faça parte dela. Washington levantou-se.— Você gosta muito dela. Margarida sorriu. — Gosto. — Desde quando? — Desde que percebi que ela não precisava de nada de você. Ele franziu a testa. — Como assim? — Mulheres interessadas em dinheiro geralmente fazem questão de mostrar que estão interessadas. Washington ficou em silêncio.— Carla nunca pediu nada. — Ela nem aceita quando você tenta ajudá-la. — Eu sei. — Isso incomoda você? — Muito. Margarida riu. — Por quê? Washington pensou por alguns segundos. — Porque eu queria que ela precisasse de mim. Margarida o encarou.— Talvez ela precise. — De quê?

De um homem que saiba o que quer. Washington não respondeu. No dia seguinte, Carla chegou cedo. Encontrou Murilo no estacionamento. — Você também madrugou? Murilo sorriu. — Eu poderia perguntar o mesmo. — Tenho apresentação para preparar. — Eu posso ajudar. — Você tem reunião com o setor comercial. — Depois. Carla balançou a cabeça. — Você nunca muda. — E você sempre acha que consegue fazer tudo sozinha.— Porque consigo. — Isso é orgulho. — Isso é experiência. Murilo riu. — Café? — Aceito. Eles caminharam juntos até a cafeteria da empresa. O que nenhum dos dois percebeu foi que Washington havia acabado de sair do elevador. Ele parou. Observou os dois. Carla riu de alguma coisa que Murilo disse. Washington sentiu uma pontada de ciúme. Sabia que não tinha razão. Sabia que Murilo era amigo dela. Sabia que os dois eram próximos havia muito tempo. E, mesmo assim, sentiu. Marcos apareceu atrás dele. — Não. Washington continuou olhando. — Não o quê?— Não faça essa cara. — Que cara? — A cara de homem prestes a cometer uma idiotice.

Washington virou-se. — Eu não estou fazendo nada. — Ainda. — Eles são amigos. — Exatamente. Washington respirou fundo. — Eu sei. Marcos cruzou os braços. — Então por que está olhando para eles como se Murilo tivesse roubado alguma coisa sua? Washington respondeu: — Porque talvez tenha. Marcos ficou sério. — Ton. — O quê? — Carla não é sua. A frase doeu. Mas era verdade. Washington desviou o olhar. — Eu sei. Marcos aproximou-se. — E enquanto você não resolver sua situação com Myrtes, ela nunca será. Washington ficou alguns segundos em silêncio. — Você acha que eu não sei disso? — Acho que você sabe. Marcos deu um tapinha no ombro do amigo. — O problema é que saber e aceitar são duas coisas diferentes. Washington observou Carla novamente. Dessa vez, ela olhou na direção dele. Os olhos dos dois se encontraram. Carla percebeu imediatamente que ele estava incomodado. Ela não sorriu. Washington também não. Murilo olhou para trás. Percebeu Washington. E entendeu. Não havia hostilidade entre os dois. Mas havia uma tensão nova.

Uma tensão que nenhum deles queria admitir.
Mais tarde, Carla encontrou Washington sozinho na sala de reuniões. Ela entrou para pegar alguns documentos. Ele estava perto da janela. — Você está me evitando — disse ele. Carla pegou a pasta. — Estou trabalhando. — Você estava com Murilo. Ela parou.— Estava. — Vocês estão sempre juntos. Carla virou-se. — Você está com ciúmes? Washington não respondeu. — Ton. — Talvez. Carla cruzou os braços. — Você não tem esse direito.— Eu sei. — Então não faça isso. — Eu tento. — Tente mais. Washington aproximou-se. — Você não entende. — O quê? — Eu vejo você com ele e fico imaginando que alguém pode chegar antes de mim. Carla soltou uma risada triste. — Antes de você?— Sim. — Washington, você já chegou atrasado. Ele ficou em silêncio. — Há dois anos você está tentando decidir sua vida. — Eu sei. — Enquanto decide, espera que eu fique parada. — Não. — Mas é isso que está acontecendo. Washington se aproximou mais. — Eu tenho medo de perder você. Carla sentiu os olhos arderem.— E eu tenho medo de me perder. Ele parou.

A frase o atingiu mais profundamente do que qualquer acusação.— Carla... — Eu não quero ser motivo para você abandonar seu filho. — Você nunca seria. — Então prove. — Como? — Resolva sua vida. Washington ficou diante dela. — E se eu resolver? Carla respirou fundo. — Então nós conversamos.— Só isso? — Só isso. Ele assentiu. — E até lá? — Até lá, você continua sendo meu amigo. Washington sorriu sem alegria. — É difícil ser seu amigo. Carla respondeu baixinho: — Para mim também.Ela saiu. Washington permaneceu sozinho. Pela primeira vez, percebeu que o maior obstáculo entre ele e Carla não era Myrtes. Era a própria indecisão. Naquela noite, Eduardo perguntou à mãe: — Mamãe? — Oi. — O papai vai voltar? Myrtes ficou imóvel.— Por que você está perguntando isso? — Porque eu quero. Ela se aproximou e sentou ao lado dele. — Você sente falta dele? Eduardo assentiu. — Muito. — E se ele continuar morando com a vovó? Eduardo pensou. — Eu posso ir lá?Myrtes respirou fundo. — Pode. — E a moça? Ela ficou séria.

— Que moça? — A Carla. Myrtes sentiu algo apertar dentro do peito. — Por que você está perguntando dela? — Papai gosta dela? Myrtes demorou. — Não sei. Eduardo baixou a cabeça. — Eu queria que papai gostasse só de mim. Myrtes o abraçou.E naquele momento, pela primeira vez, sentiu culpa. Não por Washington. Não por Carla. Por Eduardo. Porque seu filho estava começando a perceber que o amor de um pai podia ser dividido entre responsabilidades, escolhas e adultos que ele não conseguia compreender. Myrtes fechou os olhos. Então tomou uma decisão. Se Washington queria uma vida nova, ela faria com que ele lembrasse exatamente quanto custaria deixá-la para trás.E, naquela mesma noite, pegou o telefone e ligou para alguém. — Preciso que você descubra uma coisa para mim. Do outro lado da linha, uma voz perguntou: — O quê? Myrtes respondeu: — Tudo sobre Carla Bacci.

CAPÍTULO 5 O passado que ninguém conhecia

Myrtes levou três dias para descobrir. Não porque fosse difícil encontrar informações sobre Carla Bacci. Mas porque quase ninguém sabia daquele episódio. Carla havia aprendido, ao longo dos anos, a não falar sobre aquela época. Tinha dezenove anos quando entrou na faculdade. Era jovem, insegura e desejava desesperadamente pertencer a algum lugar. Naquele primeiro semestre, aproximou-se de algumas pessoas que pareciam interessantes. Não eram. Entre elas estava uma garota chamada Renata, que conhecera durante as primeiras semanas de aula. Renata era exatamente o tipo de pessoa que Carla, anos depois, aprenderia a reconhecer de longe. Gostava de festas. Gostava de beber. Gostava de provocar. E, principalmente, gostava de convencer os outros a fazer aquilo que sozinhos talvez não fizessem. Carla havia bebido demais naquela noite. Muito mais do que deveria. E, em meio à confusão de uma festa universitária, aconteceu algo de que se arrependeu profundamente no dia seguinte. Não havia traição.

Não havia crime. Não havia nenhuma história escandalosa como Renata gostava de insinuar. Havia apenas uma jovem que havia perdido o controle sobre as próprias escolhas durante algumas horas e acordado no dia seguinte sentindo uma vergonha que carregaria por anos. Ela nunca repetiu aquilo. Nunca procurou o rapaz. Nunca contou aos amigos da faculdade. E quando Marieta percebeu que havia alguma coisa errada, Carla finalmente contou. Margarida também soube. Foi tudo. Uma noite. E Carla vitima de sua imprudência na adolescência. Uma escolha ruim. Uma amizade ruim. Um arrependimento que Carla transformou em silêncio. Mas Myrtes não estava interessada nos detalhes. Estava interessada na interpretação. E, para ela, aquilo era suficiente. Na sexta-feira, Marcos decidiu fazer um churrasco na casa dele e de Mariana. Não era uma grande festa. Era uma reunião entre amigos e algumas pessoas da empresa. Mariana havia insistido. — Você trabalha demais — dissera ao marido.— Eu trabalho para podermos ter uma casa onde você possa reclamar que eu trabalho demais.

— Exatamente. Marcos rira. Murilo também estaria. Washington confirmou presença. Margarida apareceu mais tarde. Carla chegou . Durante a primeira hora, tudo pareceu normal. Marcos cuidava da churrasqueira. Murilo discutia futebol. Mariana e Carla estavam sentadas próximas à varanda. Margarida conversava com alguns convidados. Eduardo corria pelo jardim. Era uma tarde leve. Até Myrtes chegar. Washington foi o primeiro a vê-la. — O que você está fazendo aqui? Myrtes sorriu. — Fui convidada. — Por quem? Ela olhou para Eduardo. — Seu filho. Eduardo correu até o pai.— Papai! Washington o pegou no colo. — Você veio! — Mamãe disse que eu podia. Washington olhou para Myrtes. Ela deu de ombros. — Não achei que fosse um problema. Margarida observava de longe. Conhecia aquela expressão. Myrtes nunca fazia nada sem motivo. Mais tarde, quando todos já estavam reunidos ao redor da mesa, Marcos levantou o copo. — Ao menos hoje ninguém vai falar de trabalho. Washington riu. — Você sabe que isso é impossível. — Eu proíbo.

Murilo levantou a mão. — Posso falar de trabalho? — Não. — Então vou embora. Todos riram. Carla estava mais tranquila. Até Myrtes sentar-se perto dela.— Você parece feliz — comentou. Carla respondeu educadamente: — Estou. — É bom. — É. Myrtes tomou um gole da bebida. — Às vezes fico pensando em como algumas pessoas conseguem mudar tanto. Carla franziu a testa.— Como assim? — Nada. Myrtes sorriu. Mariana percebeu. — Algum problema? — Nenhum. Myrtes olhou novamente para Carla. — Só estava pensando.Carla não respondeu. Washington, do outro lado da mesa, observava. Myrtes sabia. Ela havia escolhido o momento. Esperou até que todos estivessem prestando atenção. Então perguntou:— Carla, você ainda mantém contato com pessoas da faculdade? Carla pareceu surpresa. — Com algumas. — Renata, por exemplo? O corpo de Carla endureceu. Mariana percebeu imediatamente. — Quem é Renata? — perguntou Marcos. Carla respondeu antes de Myrtes:— Uma pessoa que conheci naquela época. Myrtes sorriu. — Uma amiga sua.

— Não somos mais amigas. — Que pena. Carla olhou para ela. — Por quê? — Porque talvez ela pudesse contar algumas histórias interessantes. O silêncio começou a se formar ao redor da mesa. Washington olhou para Myrtes. — O que você está fazendo?— Nada. — Myrtes. Ela ignorou. — Você nunca contou ao Ton sobre aquela festa? Pensei que vocês já estavam mais íntimos pra ele saber que seu noivado tinha chegado ao fim por conta de uma noitada. — Carla ficou pálida. Mariana imediatamente segurou o braço dela. — Myrtes, chega. — Por quê? Carla levantou-se. — Eu não quero falar sobre isso. Myrtes também se levantou. — Mas eu quero. Washington ficou sério. — Sobre o quê? Carla olhou para ele. Foi o olhar de alguém que acabara de perceber que seu pior medo estava acontecendo. — Ton...Myrtes falou: Sobre quando Carla tinha dezenove anos. Margarida fechou os olhos. Ela já sabia. Carla sentiu as mãos tremerem. — Não. Myrtes continuou: — Ela tinha acabado de entrar na faculdade e em uma festa usou substancias ilícitas e perdeu o homem que a amava.— Myrtes, cala a boca — disse Margarida.

Ninguém respondeu. Myrtes voltou-se para os convidados. — Ela saiu para uma festa com uma amiga. Bebeu demais. Carla abaixou a cabeça. — Para. — E acabou se envolvendo com um rapaz naquela noite. Washington ficou imóvel. O jardim inteiro pareceu silenciar. Carla respirou fundo. — Eu tinha dezenove anos. Myrtes sorriu. — Exatamente. Mariana levantou-se. — E daí? Myrtes olhou para ela. — Como assim? — Você está falando como se tivesse descoberto um crime. — Não estou. — Está sim. Marcos também se levantou. — Myrtes, você veio aqui para quê? — Para mostrar quem Carla realmente é.Murilo respondeu imediatamente: — Não. Você veio para tentar destruir a imagem que tem dela. Myrtes soltou uma risada. — Vocês nem sabem o que aconteceu. Mariana respondeu: — Sabemos o suficiente. Carla fechou os olhos. — Não precisam me defender. Mariana segurou sua mão.— Precisamos sim. Washington continuava em silêncio. Carla olhou para ele. Foi o silêncio dele que mais doeu.— Ton... Ele finalmente falou: — Por que você nunca me contou?

A pergunta não veio com raiva. Veio com decepção. Carla respirou fundo. — Porque eu tinha vergonha. — Vergonha de mim? — De mim.Ele desviou o olhar. — Você nunca confiou em mim o suficiente para contar? — Não é isso. — Então o que é? Carla lutava para manter a voz firme. — Eu não queria que você soubesse daquela versão de mim. — Que versão? — A garota que eu era. Washington ficou em silêncio. — Eu tinha dezenove anos — continuou Carla. — Entrei na faculdade querendo ser aceita. Fiz amizade com pessoas que não deveria. Bebi mais do que deveria. Fiz uma escolha da qual me arrependi no dia seguinte.Myrtes interrompeu: — Uma escolha? Carla virou-se. — Sim. — Você chama aquilo de uma escolha? Mariana bateu a mão na mesa. — Chega! Myrtes olhou para ela.— Você não sabe nem o que aconteceu. — E não preciso saber. Mariana apontou para Carla. — Eu conheço essa mulher hoje. Marcos completou: — E eu também. Murilo olhou para Washington.— Você também. Washington permaneceu calado.Myrtes percebeu que sua tentativa de destruir Carla não

estava produzindo exatamente o efeito que esperava. Então atacou novamente. — Vocês estão defendendo porque gostam dela. Marcos respondeu: — Claro que gostamos. — Mesmo depois de saber disso? — Principalmente porque isso não muda quem ela é.Myrtes ficou sem resposta por alguns segundos. Margarida então falou. Sua voz não era alta. Mas todos se calaram. — Eu sabia. Carla olhou para ela. — Dona Margarida...— Eu soube há muitos anos. Myrtes arregalou os olhos. — A senhora sabia? — Sabia. — E nunca contou ao seu filho? Margarida olhou para Washington. — Não.— Por quê? — Porque não era minha história para contar. Myrtes ficou furiosa. — Então vocês esconderam isso dele? Margarida respondeu: — Não. — Não?— Nós respeitamos a privacidade de Carla. Myrtes cruzou os braços. — Privacidade? Margarida levantou-se. — Sim. A mulher mais velha encarou Myrtes. — Você está confundindo duas coisas muito diferentes: arrependimento e caráter. Ninguém falou. Margarida continuou:— Carla fez uma escolha ruim aos dezenove anos. Sentiu vergonha.

Aprendeu com aquilo e seguiu a vida. Olhou diretamente para Myrtes. — O que você fez hoje, porém, foi uma escolha consciente. Myrtes ficou vermelha.— Não estou entendendo. — Está. Margarida pegou sua bolsa. — Você não revelou o passado de Carla porque se preocupa com o caráter dela. Pausa. — Você revelou porque queria ferir meu filho. Washington abaixou os olhos. Carla não conseguia mais ficar ali. — Eu vou embora. Mariana levantou-se.— Eu vou com você. — Não. — Carla... — Eu preciso ir sozinha. Ela saiu. Washington permaneceu sentado. Myrtes olhou para ele. — Ton... Ele levantou. — Não.— Eu fiz isso por nós. Washington finalmente a encarou. — Não. — Você precisa saber quem ela é. — Eu sei quem ela é. — Sabe? — Sei. Myrtes ficou surpresa. — Então por que está assim? Washington respondeu: — Porque você fez isso na frente de todo mundo. — Eu só contei a verdade. — Não. Ele se aproximou. — Você pegou uma coisa que ela passou anos tentando superar e transformou em uma arma. Myrtes ficou em silêncio. — Isso é muito pior do que qualquer coisa que você

disse sobre ela. Ele saiu.Myrtes ficou parada. Eduardo, que havia ouvido parte da conversa de longe, aproximou-se. — Mamãe? Ela se abaixou. — Oi. — A Carla está triste? Myrtes hesitou.— Não sei. Eduardo olhou para a direção em que Carla havia saído. — Ela parecia triste. Myrtes não respondeu. Washington encontrou Carla no portão. — Carla. Ela não parou. — Espera. — Não.— Por favor. Ela finalmente virou-se. Os olhos estavam cheios de lágrimas. — Você está decepcionado. — Estou confuso. — É diferente? — Muito. Carla respirou fundo. — Eu não queria que você soubesse daquela maneira.— Eu não queria saber daquela maneira. — Eu deveria ter contado. — Talvez. Ela abaixou os olhos. — Eu tinha medo. — De quê? — De você me olhar diferente. Washington ficou em silêncio. — E agora? Ele demorou.— Agora eu estou tentando entender por que você achou que eu seria capaz de definir você por uma noite. Carla começou a chorar. — Porque eu mesma fiz isso durante anos. Washington deu um passo em sua direção. Ela recuou. — Não. Ele parou. — Carla...

— Eu preciso de distância. — Você não fez nada para mim. — Eu escondi. — Você guardou uma coisa íntima. — De você. — Sim. — Então você tem razão para estar decepcionado. Washington passou a mão pelos cabelos. — Talvez eu esteja decepcionado porque você achou que precisava ser perfeita para eu gostar de você. Carla ficou em silêncio. Ele continuou: — Eu não quero uma mulher perfeita. Ela ergueu os olhos. — Quero uma mulher honesta. Carla chorou. — Eu fui honesta hoje. — Foi. — Mesmo que tenha sido tarde. — Foi. Os dois ficaram se olhando. Por um instante, parecia que Washington iria abraçá-la. Mas não fez. — Eu preciso pensar — disse ele. Carla assentiu. — Eu também. Ele voltou para a casa. Carla ficou sozinha no portão.Naquela noite, Washington chegou em casa muito depois de Margarida. Encontrou a mãe sentada na sala. — Ela vai embora? — perguntou Margarida. — Não sei. — Você acredita nela? Washington olhou para a mãe. — Sim. Margarida assentiu. — Então por que está sofrendo? Ele sentou-se.— Porque ela nunca me contou.

— Você também nunca contou tudo sobre você.Washington ficou em silêncio. — O passado de uma pessoa não é uma dívida que ela precisa pagar para ser amada — continuou Margarida. — Eu sei. — Sabe mesmo? Washington respirou fundo. — Eu só queria que ela tivesse confiado em mim. — Talvez agora ela não confie mais. Ele levantou os olhos. — Por quê? — Porque você ficou calado. A frase o atingiu. — Eu não sabia o que dizer. — Às vezes, meu filho, quando alguém está sofrendo, não precisa que você diga alguma coisa inteligente. Margarida levantou-se. — Precisa apenas que você fique. Washington fechou os olhos.Na manhã seguinte, Carla recebeu uma mensagem de Myrtes. "Agora você sabe que eu sei." Carla ficou olhando para a tela. Poucos segundos depois, chegou outra. "E ainda não acabou." Carla apagou as mensagens. Mas não conseguiu apagar o medo. Porque agora sabia que Myrtes conhecia uma parte dela que ninguém mais conhecia.E, pior: Myrtes havia descoberto exatamente onde Carla era mais vulnerável.

A vergonha. A culpa. E Washington.
Nos dias seguintes, os encontros entre Carla e Myrtes tornaram-se inevitáveis. Myrtes fazia de tudo para esta nos mesmos lugares que Carla Na empresa, elas se cruzavam. Na academia, nos eventos... Myrtes nunca mais fezia uma acusação direta.Não precisava. Às vezes bastava um sorriso. Uma frase. Um olhar. — Dormiu bem? — perguntou certa manhã. Carla respondeu: — Sim.— Que bom. Myrtes entrou no elevador. Antes que as portas fechassem, disse: — Algumas pessoas demoram anos para descobrir que não podem esconder o passado para sempre. As portas se fecharam. Carla ficou parada. Do outro lado do corredor, Washington havia ouvido.Ele se aproximou. — Ela está fazendo isso de propósito. Carla respondeu: — Eu sei. — Vou falar com ela. — Não. — Carla... — Não quero mais guerra. Washington olhou para ela.— Então o que você quer? Ela respirou fundo. — Paz. — E eu? Carla demorou a responder. — Você ainda não decidiu de que lado está. Ele ficou imóvel. — Eu sei de que lado estou. — Então prove.

Carla entrou no elevador. Washington não a seguiu. As portas se fecharam entre os dois. E, pela primeira vez desde que se conheceram, ele percebeu que talvez amar Carla não fosse suficiente. Porque ela não precisava apenas que ele a escolhesse. Precisava que ele tivesse coragem de sustentar a escolha depois dela.

CAPÍTULO 6 A dúvida.

Washington não dormiu naquela noite. A lembrança do churrasco voltava em fragmentos. A voz de Myrtes. O rosto de Carla.A maneira como ela havia baixado os olhos. E aquela frase: "Eu tinha dezenove anos." Ele tentou convencer a si mesmo de que aquilo não importava. Não deveria importar. Uma pessoa não podia ser julgada por uma noite. Ele sabia disso. Mas saber racionalmente não impedia que imagens surgissem em sua cabeça. E quanto mais tentava afastá-las, mais sua mente criava perguntas. Quem era aquele homem? Por que Carla havia permitido que aquilo acontecesse?Ela realmente tinha mudado tanto?

Ou ele simplesmente não conhecia a mulher por quem havia se apaixonado? Washington levantou-se da cama. Foi até a janela. A cidade estava quase silenciosa. Ele apoiou as mãos no vidro. — Idiota — murmurou para si mesmo. Sabia exatamente quem era o idiota. Ele.Porque estava permitindo que Myrtes entrasse na sua cabeça. Na manhã seguinte, Carla chegou cedo à empresa. Não queria encontrar ninguém. Principalmente Washington. Passou pela recepção sem parar. Foi direto para uma pequena sala de reuniões vazia. Sentou-se.Durante alguns minutos ficou olhando para as próprias mãos. A vergonha que havia sentido aos dezenove anos voltara. Como se todos aqueles anos não tivessem passado. Como se ainda fosse aquela garota assustada que não sabia exatamente onde terminava uma amizade e começava uma influência ruim. Ela respirou fundo. A porta abriu. Murilo entrou. — Posso? Carla enxugou rapidamente uma lágrima.— Você já entrou. Ele fechou a porta. — Mariana me contou que você chegou cedo.— Não queria conversar.

— Eu percebi. Murilo sentou-se diante dela. — Você não precisa me contar nada. Carla ficou em silêncio. — Mas, se quiser falar, eu estou aqui. Ela olhou para ele. E aquela simples frase foi suficiente. As lágrimas voltaram. — Eu tenho vergonha. Murilo franziu a testa.— Do quê? — De tudo. — Carla... — Eu achei que aquilo tinha ficado no passado. — Ficou. — Não ficou. Ela respirou fundo. — Eu tinha dezenove anos. — Eu sei.— Não. Você não sabe. Murilo permaneceu calado. — Eu era muito ingênua. Queria fazer amigos. Queria me encaixar. E naquela noite eu bebi demais. Ela fechou os olhos. — No dia seguinte eu queria desaparecer. E contar para meu noivo na época foi a pior parte. Murilo não fez perguntas. Não pediu detalhes. Apenas escutou. — Eu me senti suja por muito tempo. Murilo respondeu: — Você não é suja. Carla chorou. — Eu sei disso agora. — Então não volte a ser a garota que acreditava nisso. Ela olhou para ele. — Por que é tão fácil para você falar?— Porque eu estou olhando para quem você é hoje. Carla abaixou o rosto. Murilo levantou-se e colocou a mão sobre seu ombro.

— Não deixe Myrtes decidir quem você é.Carla segurou a mão dele por alguns segundos. — Obrigada. Murilo a abraçou. Foi um abraço de amizade. De consolo. De alguém que conhecia Carla havia tempo suficiente para saber quando ela precisava apenas de um lugar seguro para chorar. Mas havia alguém parado do outro lado da porta de vidro. Washington.Ele havia chegado alguns segundos antes. E viu. Viu Carla chorando nos braços de Murilo. Viu Murilo acariciar seus cabelos. Viu a intimidade de dois amigos que não tinham nada a esconder. Mas Washington não enxergou amizade naquele momento. Enxergou possibilidade. E isso o assustou. Ele recuou antes que os dois percebessem sua presença.Washington foi para sua sala. Fechou a porta. Sentou-se. Ficou olhando para a mesa. A imagem de Carla abraçada a Murilo não saía de sua cabeça. — Não. Ele passou a mão pelo rosto. — Não. Tentou racionalizar.
Murilo era irmão de Mariana. Era seu amigo. Conhecia Carla. Era natural que a consolasse. Então por que aquilo o incomodava tanto?

A resposta veio rapidamente. Porque ele estava com medo. Medo de ter descoberto tarde demais que Carla não era a mulher que imaginava. Medo de ter colocado sentimentos demais sobre alguém que conhecia havia apenas dois anos. Medo de ser enganado. E, principalmente, medo de estar fazendo tudo isso enquanto ainda permanecia preso a Myrtes. A porta se abriu. Marcos entrou.— Posso? Washington não respondeu. Marcos percebeu a expressão do amigo. — O que aconteceu? — Nada. — Ton. — Eu vi Carla com Murilo. Marcos ficou alguns segundos em silêncio. — E? — Eles estavam abraçados.— Ela estava chorando. Washington levantou os olhos. — Como você sabe? — Porque Mariana me contou. Washington ficou calado. Marcos aproximou-se. — Ela contou a Murilo o que aconteceu. — Eu sei. — E ele estava consolando ela. — Eu sei. — Então qual é o problema?Washington não respondeu. Marcos percebeu. — Você está desconfiando dela. — Não sei. — Sabe. Washington levantou-se. — Depois do que aconteceu...— O passado dela? — Sim.

Marcos respirou fundo. — Ton, você está confundindo as coisas. — Talvez. — Não existe "talvez" nisso. Washington virou-se para a janela. — Eu não consigo tirar da cabeça que ela escondeu aquilo de mim. — Ela tinha vergonha. — Eu sei.— Então por que você está tratando vergonha como mentira? Washington não respondeu. Marcos continuou: — Você está procurando uma justificativa para sua insegurança. — Você não entende. — Entendo perfeitamente. Marcos se aproximou. — Você está com ciúmes de Murilo porque está com medo de perder Carla. E está usando o passado dela para tentar descobrir se ela merece sua confiança. Washington ficou em silêncio.— Isso é injusto com ela. — Eu sei. — E você sabe que é injusto. Washington fechou os olhos. — Sei. Marcos saiu. Mas a dúvida permaneceu.Naquela tarde, Myrtes apareceu novamente. Washington estava saindo da empresa quando a encontrou no estacionamento. — O que você está fazendo aqui? — Vim buscar Eduardo. — Ele não está aqui. — Eu sei. Ela sorriu. — Na verdade, vim falar com você.Washington ficou parado. — Sobre o quê?

— Sobre nós.— Myrtes... — Não precisa ficar na defensiva. Ela se aproximou. — Eu sei que você está confuso. — Não estou.— Está. Ela tocou o braço dele. Washington afastou-se. — Não faça isso. — Isso o incomoda? — Sim. Myrtes baixou os olhos. — Desculpa. Ela pareceu vulnerável. Por alguns segundos, Washington viu a mulher com quem havia construído uma história. A mãe de seu filho.A mulher com quem havia dividido anos. E, naquele momento de fragilidade, Myrtes parecia diferente. Mais calma. Mais doce. Mais parecida com a mulher por quem ele havia se apaixonado no começo. — Eu não quero perder você — disse ela. Washington permaneceu em silêncio. — Eu sei que errei. Ele a encarou. — Você nunca disse isso antes.— Porque tinha orgulho. Ela sorriu tristemente. — Talvez eu ainda tenha. Washington não respondeu. Myrtes aproximou-se novamente. — Eu não quero competir com ninguém. A frase pareceu estranha. — Então não compete. — Estou tentando. Ela respirou fundo. — Mas também não posso fingir que não sinto nada.Washington desviou o olhar. — Myrtes...

— Você lembra de como éramos? Ele fechou os olhos. Lembrava. E justamente por isso era perigoso. Ela percebeu. — Lembra. — Isso não muda o que aconteceu. — Eu sei. — Então não faça isso. — Fazer o quê?— Tentar me trazer de volta usando lembranças. Myrtes sorriu. — Eu não estou tentando trazer você de volta. Pausa. — Só estou lembrando que nós dois ainda existimos. Washington ficou calado. Ela tocou seu rosto. Dessa vez ele não afastou imediatamente a mão dela. Foi apenas um segundo. Mas Myrtes percebeu.E aquele segundo lhe deu esperança. Naquela noite, Washington chegou em casa diferente. Margarida percebeu assim que o filho entrou. — Aconteceu alguma coisa? — Não. — Carla? Ele hesitou. — Também.Margarida ficou séria. — O que houve? Washington sentou-se. — Eu vi Carla com Murilo. — E? — Ela estava chorando. — Por causa do que aconteceu no churrasco? — Sim. Margarida assentiu. — Murilo a consolou. — E isso é errado? Washington levantou os olhos. — Não. — Então? Ele respirou fundo.— Eu fiquei com ciúmes. Margarida quase sorriu.

— Isso é seu problema. — Eu sei. — Não de Carla. Ele ficou em silêncio. — E não use o passado dela para justificar seu ciúme. Washington levantou-se. — Eu não estou fazendo isso. Margarida o encarou. — Está. — Mãe...— Meu filho, você está procurando uma razão para desconfiar de uma mulher porque tem medo de perdê-la. Ele não respondeu. — E Myrtes sabe disso. Washington ficou imóvel. — Como assim? — Ela percebeu que você está vulnerável. Ele passou a mão pelos cabelos. — Ela veio falar comigo hoje. Margarida suspirou.— Claro que veio. — Ela parecia diferente. — As pessoas sabem ser encantadoras quando estão prestes a perder alguma coisa. Washington ficou olhando para a mãe. — Você acha que ela está me manipulando? Margarida respondeu: — Acho que você está tão confuso que qualquer pessoa que lhe ofereça uma certeza parece segura.Dois dias depois, Carla entrou no elevador. As portas estavam quase fechando quando uma mão as segurou. Myrtes entrou.As duas ficaram sozinhas. — Bom dia.

— Bom dia. Silêncio. Myrtes olhou para Carla. — Washington está diferente. Carla não respondeu.— Você percebeu? — Não quero conversar sobre ele. — Eu acho que deveria. Carla virou-se. — Por quê? — Porque você gosta dele. — Isso não é problema seu. Myrtes sorriu. — Talvez não.O elevador continuou subindo. — Mas agora ele está começando a fazer perguntas. Carla sentiu o coração apertar. — Que perguntas? — Sobre você. — Você está tentando colocar coisas na cabeça dele. — Não preciso. Myrtes olhou para o reflexo de Carla no espelho. — Ele já está fazendo isso sozinho. As portas se abriram.Carla saiu. Myrtes permaneceu no elevador. Mas antes que as portas fechassem, disse: — Sabe qual é a diferença entre nós duas? Carla parou. — Não quero saber. — Eu conheço os defeitos dele. Carla olhou para trás. — E mesmo assim? Myrtes sorriu.— E mesmo assim eu ainda o quero. As portas fecharam.Naquela noite, Washington ligou para Myrtes. Ela atendeu no primeiro toque. — Oi. — Você está ocupada? — Não. — Podemos conversar?— Claro. Ela não perguntou sobre o assunto. Sabia.

Washington precisava conversar. E, naquele momento, Myrtes era a pessoa que estava disposta a ouvi-lo sem exigir que ele tomasse uma decisão imediatamente. Foi assim que ela voltou a entrar na vida dele. Não através de uma reconciliação. Não através de uma promessa. Mas através da dúvida. Enquanto Carla se afastava por medo de ultrapassar seus próprios princípios, Myrtes se aproximava porque percebera exatamente onde Washington estava frágil.E Washington, dividido entre culpa, desejo, ciúme e medo, começou novamente a olhar para o passado. Só que dessa vez não estava olhando para Carla. Estava olhando para Myrtes. E ela sabia exatamente como fazer com que ele lembrasse por que um dia a havia amado.**A manhã** seguinte Washington dirigia de volta para casa quando o céu começava a clarear. As ruas ainda estavam relativamente vazias, e a luz pálida da manhã refletia-se no para-brisa enquanto ele mantinha os olhos fixos na estrada. Havia passado a noite com Myrtes. A decisão parecia diferente agora que a noite havia terminado.

Durante algumas horas, ele havia permitido que as lembranças falassem mais alto que a razão. Myrtes soubera exatamente onde tocá-lo: nas memórias dos primeiros anos do casamento, na intimidade que um dia existira entre os dois, na sensação de familiaridade que nenhuma relação nova poderia reproduzir imediatamente. Ela não o pressionara. Pelo menos, não de maneira evidente.Havia se aproximado devagar, falado sobre Eduardo, lembrado de viagens que fizeram juntos, de momentos em que ainda acreditavam que permaneceriam casados para sempre. Em determinado momento, Washington havia deixado de pensar em Carla. Ou acreditara que havia deixado. O beijo de Myrtes fora seguido por outros, e ele não a afastara. Depois, quando a proximidade entre os dois ultrapassou aquilo que deveria, Washington não interrompeu. Agora, dirigindo sozinho, lembrava-se do rosto de Myrtes no travesseiro, da maneira como ela o abraçara e, principalmente, da expressão de satisfação que aparecera em seus olhos depois.

Era isso que o incomodava. Não havia se sentido novamente apaixonado. Havia se sentido culpado. Washington apertou o volante. — O que eu fiz? A pergunta saiu baixa, quase como uma confissão. Ele sabia que não podia culpar Myrtes. Ela havia insistido, seduzido, usado lembranças e vulnerabilidades, mas ele era adulto. Fora ele quem permanecera. E havia outra coisa que tornava tudo ainda mais difícil. Enquanto estivera com Myrtes, em algum momento, pensara em Carla. A lembrança veio tão claramente que ele precisou diminuir a velocidade. Carla diante dele, chorando. Carla dizendo que tinha medo de se perder. Carla pedindo que ele resolvesse a própria vida antes de procurá-la. Ele fechou os olhos por um instante. — Eu prometi que resolveria. Mas naquela noite fizera exatamente o contrário.Quando chegou em casa, encontrou Margarida na cozinha. Ela estava sentada à mesa, tomando café e lendo algumas anotações da empresa. Washington entrou tentando parecer natural.— Bom dia, mãe. Margarida ergueu os olhos.Não respondeu.

Ele aproximou-se, como fazia desde criança, e inclinou-se para beijar o rosto dela. Margarida virou o rosto. Washington parou. — Mãe? — Não. A palavra saiu seca. Ele ficou olhando para ela. — O que aconteceu? Margarida voltou os olhos para o café.— Você sabe. Washington puxou uma cadeira. — Eu não quero discutir. — Ótimo. Eu também não. Ele passou a mão pelo cabelo. — Eu precisava... — Não precisa me explicar. — Preciso, sim. Margarida finalmente o encarou.— Você passou a noite com Myrtes. Não era uma pergunta. Washington baixou os olhos. — Passei. Margarida respirou fundo. — Então não venha me pedir que finja que não aconteceu. — Eu não estou pedindo isso. — Está entrando nesta casa querendo meu abraço como se tivesse voltado de uma reunião de trabalho. Washington ficou em silêncio.— Você sabe por que eu virei o rosto? Ele balançou a cabeça. — Porque eu não consigo abraçar meu filho enquanto ele está usando a própria confusão para machucar duas mulheres.— Eu não quis machucar ninguém. — Mas machucou. A resposta foi imediata.

Margarida se levantou e colocou a xícara na pia. — Carla não sabe o que aconteceu. Washington permaneceu sentado. — Ainda não. — E Myrtes sabe que você está confuso. — Sim. — Então tenha cuidado. Ele levantou os olhos. — Com o quê? Margarida voltou-se para ele.— Com a facilidade com que uma pessoa pode transformar sua culpa em dependência. Washington ficou pensativo. — Eu não sei mais o que estou fazendo. Margarida suavizou o tom. — Então pare de agir até saber. Ela saiu da cozinha. Washington permaneceu sentado sozinho. Pela primeira vez, percebeu que sua mãe estava mais decepcionada com ele do que zangada.E isso doía mais.Na empresa, Carla tentou trabalhar normalmente. Não estava conseguindo.Havia passado os últimos dias comendo pouco, dormindo mal e tentando evitar situações que a obrigassem a conversar com Washington. A vergonha do episódio da faculdade havia reaberto uma ferida antiga,e o afastamento dele fazia com que ela questionasse tudo o que acreditava sobre o relacionamento entre os dois.

Naquela manhã, ignorou novamente o café da manhã. No meio da manhã, recusou o convite de Mariana para almoçar. — Não estou com fome. Mariana a observou. — Você está dizendo isso há três dias. — Eu como depois. — Carla... — Mariana, eu estou bem.Ela tentou voltar ao computador. Alguns minutos depois, a visão começou a ficar turva. Carla levou a mão à testa. O chão pareceu inclinar-se. Mariana levantou-se imediatamente. — Carla? — Eu estou... Não terminou a frase. Seu corpo perdeu força.Mariana conseguiu segurá-la antes que caísse completamente. — Marcos! A movimentação chamou a atenção de algumas pessoas. Murilo veio correndo. — O que aconteceu? — Ela passou mal.Murilo se ajoelhou ao lado dela. — Carla, consegue me ouvir? Ela abriu os olhos. — Estou bem. — Você não está. — Só estou tonta. Mariana já pegava o telefone.— Vou chamar alguém. Murilo olhou para um dos funcionários. — Chame o médico da empresa.Foi então que Washington apareceu no corredor. — O que aconteceu?

Ao ver Carla apoiada em Murilo, seu rosto mudou. — Ela desmaiou. Washington aproximou-se. — Carla. Ela abriu os olhos. Quando percebeu que era ele, tentou se sentar. — Ton... — Não levanta.A preocupação em sua voz fez Carla obedecer. Washington ajoelhou-se diante dela. — Você comeu hoje? Ela desviou o olhar. Ele entendeu. — Carla. — Não muito. — Ontem? Ela não respondeu.Mariana cruzou os braços. — Quase nada. Washington olhou para a amiga. Depois voltou-se para Carla. — Por quê? — Não estou com fome. — Isso não é resposta. — Eu estou nervosa.Ele respirou fundo. — Você precisa se cuidar. Carla o encarou.Depois que o médico confirmou que o mal-estar provavelmente estava relacionado à alimentação insuficiente, Carla foi levada para a enfermaria para descansar.Mariana e Murilo permaneceram com ela durante algum tempo. Washington ficou do lado de fora.Quando Murilo saiu, os dois se encararam. — Ela precisa descansar — disse Murilo. — Eu sei.— E precisa comer. — Eu sei.

Murilo observou o amigo por alguns segundos. — Você está bem? Washington não respondeu. — Ton. — Não. Murilo assentiu. — Imaginei. Ele deu um tapinha no ombro dele. — Então resolve sua vida.
Washington quase sorriu. — Todo mundo resolveu me dar o mesmo conselho. — Talvez porque você esteja precisando ouvir.

Washington disse coma face dura — É melhor eu ver como a Carla esta.

Murilo se colocou diante da porta. — Agora não. Ela está bem. Está sendo atendida. Washington franziu a testa. — Como assim, agora não? — Ela precisa descansar.— Eu só quero saber como ela está. — Você já sabe. O médico está cuidando dela. Washington deu um passo à frente. — Murilo, sai da frente.— Não. O tom de Murilo fez Washington parar. — Você está passando dos limites — disse Washington. — Eu? Quem está passando dos limites é você. — Não comece. — Alguém precisa começar, porque você parece incapaz de perceber o que está fazendo com ela. Washington apertou a mandíbula.— Você não sabe o que existe entre Carla e mim.

— Sei o suficiente.— Não sabe de nada. Murilo se aproximou. — Sei que ela passou mal por não estar se alimentando direito. Sei que está emocionalmente destruída desde o que Myrtes fez naquele churrasco e sei que, mesmo assim, você continua aparecendo quando quer, desaparecendo quando está confuso e deixando essa mulher esperando uma decisão que nunca chega.Washington perdeu a calma. — Não fale como se soubesse o que eu sinto. — Então me diga. — Não é da sua conta. — Talvez não fosse, se você conseguisse cuidar dela sem machucá-la. Washington encarou o amigo. — Você está apaixonado por ela? Murilo ficou incrédulo. — Você realmente está perguntando isso?— Estou. — Então escute bem: não existe nada entre Carla e mim além de amizade. Ela é amiga da minha irmã, é minha amiga e eu tenho carinho por ela. Mas, diferente de você, eu não estou tentando ocupar um espaço na vida dela que não tenho o direito de ocupar. Washington ficou em silêncio. Murilo continuou:— Você sabe que ela gosta de você. Sabe que ela está sofrendo por sua causa e ainda assim continua preso

àquela mulher.— Myrtes é a mãe do meu filho. — Eu sei. — Então não simplifique uma situação que não é simples. — Não estou simplificando. Estou dizendo que você precisa parar de arrastar Carla para dentro da confusão que você não teve coragem de resolver. Washington aproximou-se. — Cuidado com o que está dizendo. Murilo sustentou o olhar. — Não. Você é que deveria ter cuidado. Porque Carla não merece ser tratada como uma opção enquanto você decide se quer voltar para a esposa. Washington ficou profundamente irritado. — Você não sabe o que aconteceu entre Myrtes e eu. — E você não sabe o que aconteceu dentro da cabeça de Carla depois que sua esposa expôs o passado dela na frente de todo mundo. Washington ficou calado.— Ela não está bem — continuou Murilo. — E, se você realmente gosta dela, deixe-a em paz até saber o que quer. — Você não manda na minha vida. — Não. Mas posso pedir que não destrua a dela. Os dois ficaram frente a frente. Washington respirou fundo. — Eu vou entrar. Murilo saiu da frente, mas antes disse:— Então entre como alguém que se importa com ela.

Não como homem que aparece quando sente medo de perdê-la. Washington não respondeu. Murilo afastou-se pelo corredor. Washington permaneceu alguns segundos parado, absorvendo aquelas palavras. Então abriu a porta da enfermaria. Carla estava deitada em uma das camas da enfermaria da empresa. Um soro descia lentamente pelo tubo preso ao seu braço. O ambiente era silencioso, e a luz branca deixava seu rosto ainda mais pálido. Quando ouviu a porta, abriu os olhos. Ao perceber que era Washington, esboçou um pequeno sorriso. — Você veio.— Vim. Ele aproximou-se imediatamente da cama e olhou para o monitor, depois para o acesso do soro e para os sinais registrados pela enfermeira. — Sua pressão está melhor? Carla observou o movimento dele. — Está. Washington conferiu novamente os números. — E a frequência? Ela sorriu fracamente. — Você está agindo como médico. Ele finalmente olhou para ela. — Não sou médico. — Então por que está verificando tudo como se fosse? Washington puxou uma cadeira. — Fiz um ano de faculdade de Medicina.

Carla pareceu surpresa.— Você nunca me contou. — Há muitas coisas sobre mim que você não sabe. — Eu estou começando a perceber. Ela ajeitou a cabeça no travesseiro. — Por que desistiu? — Descobri que não era aquilo que queria para a minha vida. — E o que queria? Washington sorriu discretamente. — Naquela época, eu não fazia ideia. — Engraçado.— O quê? — Eu sei tão pouco sobre você. — E eu sei pouco sobre você. Carla desviou os olhos. — Talvez seja por isso que tudo tenha ficado tão complicado. Washington ficou observando-a. — Como você está? — Melhor. — Não estou perguntando fisicamente. Ela ficou em silêncio. — Eu sei. — Então por que perguntou? — Porque queria ouvir você dizer. Carla respirou lentamente. — Estou cansada. Washington baixou os olhos. — Eu sinto muito. — Pelo quê? — Por tudo.— Você não fez o que Myrtes fez. — Mas também não consegui impedir. Carla olhou para ele. — Você não tinha como saber. — Eu deveria ter percebido. — Não. — Eu deveria ter protegido você. Ela franziu a testa. — Você não precisa me proteger. — Eu queria. A voz dele falhou ligeiramente.

Carla percebeu. — Ton... Washington abaixou a cabeça. Os olhos começaram a ficar úmidos. — Eu prometi que resolveria minha vida. Carla ficou em silêncio. — E não resolvi. Uma lágrima desceu pelo rosto dele. Carla sentiu o coração apertar. — Não chora. Ele passou rapidamente a mão pelo rosto.— Desculpa. — Não precisa pedir desculpa por chorar. — Eu estou cansado de decepcionar as pessoas. Carla tentou se levantar um pouco. — Você não me decepcionou. — Decepcionei. — Não. — Eu prometi a você que faria alguma coisa e, em vez disso, continuei preso no mesmo lugar.Carla estendeu a mão. — Vem cá. Washington hesitou. Ela sorriu suavemente. — Mais perto. Ele aproximou a cadeira. Carla segurou a mão dele. — Eu não quero ver você chorando sozinho. Washington entrelaçou os dedos aos dela. — Você deveria estar preocupada consigo mesma.— Estou. — Então por que está preocupada comigo? — Porque eu gosto de você. Ele fechou os olhos. Aquelas palavras, ditas naquele momento, pareciam mais dolorosas do que qualquer acusação.

— Carla... — Não precisa dizer nada. Ela acariciou de leve a mão dele. — Só fica aqui. Washington se aproximou um pouco mais. — Eu fiquei com tanto medo quando soube que você tinha passado mal. — Eu percebi. — Achei que alguma coisa tivesse acontecido com você. — Não aconteceu.— Para mim aconteceu. Carla sorriu. — Você é dramático. Ele riu entre lágrimas. — Talvez. Ela observou o rosto dele por alguns segundos. — Você está diferente. — Como? — Mais verdadeiro. Washington ficou olhando para ela. — Talvez porque eu esteja cansado de esconder o que sinto. Carla desviou os olhos.— Isso é perigoso. — Eu sei. — Porque você ainda precisa resolver sua vida. — Eu sei. — E eu não quero ser responsável por uma decisão que deveria ser sua. — Você não é. Ele aproximou-se um pouco mais. — A decisão é minha. Carla voltou a olhar para ele. — Então tome. — Vou tomar.Ela respirou fundo. — Promete? Washington hesitou. Dessa vez, porém, não respondeu imediatamente. — Prometo tentar fazer o que deveria ter feito há muito tempo. Carla sorriu. — Isso já é alguma coisa.

Ele levou a mão dela aos lábios e beijou seus dedos. Carla fechou os olhos. Quando tornou a abri-los, Washington estava muito próximo. Ela não se afastou. Ele esperou. Como se ainda estivesse pedindo permissão sem usar palavras. Carla aproximou-se lentamente. O beijo aconteceu de maneira delicada, quase tímida, como se os dois ainda não acreditassem que finalmente haviam atravessado aquela fronteira. Washington segurou o rosto dela com cuidado.Carla passou a mão pela nuca dele. Por alguns segundos, não existiu Myrtes, nem o casamento, nem a culpa, nem o passado. Havia somente os dois. Quando se afastaram, Carla manteve os olhos fechados. — Isso não deveria ter acontecido. Washington encostou a testa na dela. — Eu sei.— Eu estou com medo. — Eu também. Carla abriu os olhos. — Eu não quero ser a mulher que destrói uma família. — Você não destruiu nada. — Ainda existe uma criança. — Eu sei.
Ele respirou fundo. — E justamente por isso eu preciso parar de fugir das minhas escolhas. Carla acariciou o rosto dele.

— Então escolha com consciência. Washington segurou a mão dela. — Eu vou. Mas enquanto dizia aquilo, uma lembrança da noite anterior atravessou sua mente. Myrtes. O beijo. A intimidade. A maneira como ele havia cedido. Washington fechou os olhos. A culpa voltou com força. Carla percebeu sua mudança. — O que foi? Ele abriu os olhos. — Nada. Ela o observou por alguns segundos. — Tem certeza? Washington assentiu. — Tenho. Carla acreditou. Ainda não sabia que, poucas horas antes daquele beijo, o homem que agora segurava sua mão havia passado a noite nos braços da mulher de quem prometera se afastar.E Washington, naquele instante, percebeu que o segredo daquela noite seria mais uma dívida que teria de carregar. Porque agora havia beijado Carla. E aquele beijo tinha feito com que tudo se tornasse ainda mais difícil.

Capítulo 7 — Entre o Passado e o Futuro. Depois daquele beijo, alguma coisa havia mudado dentro de Washington.

Ele ainda tinha medo, ainda carregava culpa e ainda sabia que havia cometido erros que não poderiam ser apagados com uma simples decisão. Entretanto, pela primeira vez em muito tempo, havia uma direção.
Ele queria Carla em sua vida de verdade. E, se queria isso, precisava começar a construir um caminho que também incluísse Eduardo. Foi por isso que, alguns dias depois, tomou uma decisão que surpreendeu até mesmo aqueles que estavam mais próximos dele.— Quero que o Eduardo conheça melhor a Carla — disse Washington à mãe durante o café. Margarida ergueu os olhos da xícara. — Você tem certeza? — Tenho. — Não estou perguntando se você gosta dela. Isso eu já sei. Washington soltou um pequeno sorriso. — Então por que está perguntando?— Porque aproximar uma criança de alguém é diferente de apresentar uma mulher que você está conhecendo. Ele ficou sério. — Eu sei.— Eduardo tem cinco anos, Ton. Ele não entende separação, casamento, ressentimento, dinheiro... Ele entende apenas que o pai não mora mais com ele e que as coisas mudaram.

— Justamente por isso quero fazer tudo direito. Margarida observou o filho por alguns segundos. — E Carla sabe? — Sabe que quero me aproximar dela de uma maneira mais séria. Ainda não contei todos os detalhes. — Então conte. — Vou contar. Margarida respirou fundo. — Se você realmente decidiu por ela, não faça isso pela metade. Washington assentiu. — Não vou. A primeira aproximação aconteceu de maneira simples. Eduardo foi levado à empresa em uma tarde em que Washington precisava resolver alguns assuntos antes de uma reunião. O menino entrou no escritório correndo, carregando um pequeno carrinho vermelho.— Papai! Washington abriu os braços e recebeu o filho. — Ei, campeão. — Você demorou. — Eu sei. Desculpa.Eduardo fez uma expressão séria, mas logo se distraiu com alguma coisa sobre a mesa. Carla apareceu pouco depois. Parou ao perceber que Eduardo estava ali. Washington percebeu a tensão no rosto dela. — Carla, você lembra do Eduardo. Ela sorriu.— Lembro. Eduardo olhou para ela. — Você é a Carla? Ela se abaixou para ficar na altura dele.

— Sou. — Papai fala de você. Washington ficou sem graça. Carla também. — Fala? — perguntou ela. Eduardo assentiu. — Fala. — E o que ele fala? O menino pensou.— Que você trabalha muito. Carla riu. — Só isso? — E que você é brava. Washington arregalou os olhos. — Eu nunca disse isso. Eduardo começou a rir. Carla olhou para Washington, divertida. — Então temos uma testemunha. Ela primeira vez em muitos dias, Washington viu Carla sorrir sem carregar tristeza no rosto. E percebeu que havia tomado a decisão certa. Eduardo começou a aparecer algumas vezes na empresa, sempre acompanhado pelo pai. Carla conversava com ele, perguntava sobre os desenhos que fazia, ouvia suas histórias da escola e, certa tarde, sentou-se no chão do escritório para ajudá-lo a montar um pequeno quebra-cabeça. Washington ficou observando os dois de longe. Havia algo naquela cena que mexia profundamente com ele. Não era apenas a possibilidade de Carla ser sua companheira. Era a possibilidade de uma família que não nascesse da obrigação, do medo ou da aparência.

Margarida percebeu isso. Mariana também. Marcos, entretanto, foi mais cauteloso. — Você está fazendo isso porque decidiu mesmo ou porque está tentando provar alguma coisa para Carla? Washington olhou para ele. — Decidi. — E o divórcio? A pergunta ficou suspensa entre os dois. Washington respirou fundo. — Eu vou pedir. — Quando? — Em breve. Marcos não pareceu satisfeito.— Você sempre diz isso. — Porque ainda existe uma criança no meio dessa história. — Eu sei. — Então sabe que não posso simplesmente acordar amanhã e destruir tudo sem pensar nas consequências para Eduardo. Marcos cruzou os braços. — Ninguém está dizendo para você abandonar seu filho.— Mas é isso que parece quando todo mundo fala como se fosse apenas assinar um papel. — Não é simples. — Eu sei que não é. Washington passou a mão pelo rosto. — Quero fazer isso da maneira menos dolorosa possível para ele. Marcos ficou alguns segundos em silêncio.— Então faça. — Vou fazer. — Só não deixe sua cautela virar uma desculpa para continuar parado. Washington encarou o amigo.— Não vai virar.

Myrtes. Ela soube por acaso. Uma mensagem. Uma conversa. Um comentário feito por alguém que não imaginava que aquela informação chegaria até ela. Washington estava aproximando Eduardo de Carla. No início, Myrtes não acreditou. Depois ficou em silêncio. E então sentiu uma mistura de raiva e medo. Aquela noite que tivera com Washington, que durante algum tempo ela acreditara ser suficiente para recuperar seu lugar, de repente parecia ter sido apenas uma pausa. Ela havia interpretado a fraqueza dele como uma vitória. Agora percebia que talvez tivesse cometido um erro. Washington não estava voltando. Estava tentando seguir em frente. E Carla estava cada vez mais presente. Quando Washington chegou para buscar Eduardo, encontrou Myrtes esperando. — Precisamos conversar. Ele percebeu imediatamente o tom. — Sobre o quê? — Sobre Carla. Washington respirou fundo. — Não quero discutir isso na frente do Eduardo.— Então mande-o para outro lugar. — Myrtes. — Eu sei que você está aproximando nosso filho dela. Washington ficou sério. — Eu não estou fazendo nada errado.

— Não? — Não.— Você acha normal levar nosso filho para perto da mulher com quem está se envolvendo enquanto ainda é meu marido? — Nosso casamento está terminado há dois anos. — No papel, não. — E você sabe por quê. Myrtes aproximou-se.— Porque você nunca teve coragem de terminar. Washington ficou em silêncio. Ela percebeu que havia tocado em uma ferida. — Talvez porque, no fundo, você ainda me queira. Ele a encarou. — Não transforme uma noite de fraqueza em uma história que não existe. O rosto de Myrtes mudou. — Fraqueza? — Foi isso.— Então foi uma fraqueza passar a noite comigo? — Foi. Ela ficou alguns segundos sem responder. — Você me procurou. — Procurei. — Você ficou. — Fiquei. — Você me beijou. — Sim.— E agora quer fingir que não significou nada? Washington fechou os olhos por um instante. — Significou que eu estava confuso. Myrtes soltou uma risada amarga. — Você sempre esteve confuso. — Não. Ele finalmente perdeu a paciência.— Nós dois fomos responsáveis por isso. — Não coloque a culpa em mim.— Não estou colocando toda a culpa em você. Estou lembrando do que aconteceu.

Myrtes cruzou os braços. — Então lembre. Washington encarou-a diretamente. — Quantas vezes você foi embora e depois voltou? Quantas vezes me fez acreditar que queria reconstruir nosso casamento e, depois, agiu como se eu fosse um estranho? Quantas vezes você mentiu para mim? Quantas vezes me fez desconfiar de que existia outro homem? — Você nunca provou nada. — Porque eu não quis transformar nossa vida em um tribunal. — Então você acredita que eu traí você? — Acredito que você me deu motivos para acreditar. Ela ficou calada. Washington continuou, agora com a voz mais baixa, porém muito mais firme. — E eu também errei. Errei quando aceitei suas idas e vindas. Errei quando permiti que nosso filho fosse usado para manter uma relação que já não existia como antes. Errei quando procurei você naquela noite, mesmo sabendo que estava tentando construir outra vida. Myrtes ficou olhando para ele. — E Carla? — O que tem ela? — Você acha que ela vai ficar? Washington não respondeu imediatamente.— Eu espero que sim.— Você está apaixonado por ela.

Não foi uma pergunta. Foi uma constatação. Washington sustentou o olhar. — Estou. Myrtes sentiu o golpe. — E vai se divorciar? — Vou. — Quando? — Quando eu puder fazer isso sem transformar Eduardo em vítima de uma guerra entre adultos.— Você sempre encontra uma desculpa. — Não é desculpa. — É medo. — Talvez seja. Mas desta vez eu vou enfrentar. Myrtes aproximou-se dele. — Você não vai conseguir. Washington franziu a testa. — O quê? — Se divorciar.— Myrtes... — Você acha que eu vou simplesmente assistir? — Não quero brigar. — Eu quero que você entenda uma coisa. Ela apontou para ele. — Eu não vou permitir esse divórcio. Washington ficou imóvel. — Você não pode decidir isso sozinha. — Posso dificultar cada passo. — Não faça isso. — Você acha que vai levar nosso filho para outra mulher e depois simplesmente sair da minha vida? — Carla não está tentando tomar seu lugar como mãe.— Ainda. Washington respirou fundo. — Não envolva Carla nisso. — Já está envolvida. — Não faça Eduardo sofrer por causa da nossa guerra.

Myrtes sorriu, mas não havia carinho naquele sorriso. — Então talvez você devesse pensar melhor antes de destruir sua família. Washington se aproximou da porta. — Minha família não é um casamento que deixou de existir há dois anos.Myrtes sentiu os olhos se encherem de raiva. — Você vai se arrepender. Ele parou. — Eu já me arrependo de muita coisa. E saiu. Myrtes permaneceu sozinha. Durante alguns segundos, ficou olhando para a porta fechada. Então pegou o celular.Seu rosto já não demonstrava insegurança. Demonstrava determinação. Ela havia perdido Washington por alguns instantes naquela noite. Mas não pretendia perdê-lo definitivamente. Se para mantê-lo precisasse usar o casamento, o filho, o passado ou qualquer outra coisa que tivesse ao alcance, ela estava disposta a fazê-lo. O divórcio não seria simples. E Myrtes faria questão de transformar cada passo de Washington em uma batalha.

Capítulo 8 — A Fotografia. Os dias passaram. A rotina da empresa voltou a se movimentar com uma intensidade diferente.

Depois de semanas marcadas por conflitos, dúvidas e decisões adiadas, havia finalmente um motivo para todos respirarem um pouco. A Sales & Ortega Perfumaria havia recebido o prêmio Brand Equity, reconhecimento que celebrava a força da marca, sua expansão e o trabalho desenvolvido ao longo dos últimos anos. Além disso, uma nova parceria com uma importante empresa árabe do setor de perfumes estava prestes a ser anunciada. A comemoração seria naquela noite.O salão escolhido para a festa estava completamente transformado. Luzes elegantes refletiam nas paredes, arranjos florais ocupavam as mesas e grandes painéis exibiam discretamente a identidade das duas empresas. Todos estavam impecavelmente vestidos.Carla usava um vestido elegante, sem exageros, que valorizava sua beleza de maneira delicada. Mariana apareceu ao lado de Marcos, enquanto Murilo conversava com alguns convidados próximos ao bar. Margarida observava tudo com orgulho. Washington, por sua vez, parecia diferente. Havia algo mais leve em seu rosto.

Ele olhava para Carla de longe sempre que podia. Ela percebeu. E sorriu. Por algumas horas, parecia que a vida finalmente havia decidido dar uma trégua. Os discursos começaram. O prêmio foi celebrado. Taças foram erguidas. Fotografias foram tiradas. A parceria internacional recebeu aplausos. Washington cumprimentou empresários, funcionários e convidados, enquanto Margarida fazia questão de apresentar alguns dos principais membros da família Ortega. Carla estava ao lado de Mariana quando sentiu uma mudança no ambiente. Não soube explicar exatamente o motivo. Apenas percebeu que algumas pessoas haviam parado de conversar. Virou-se. Myrtes havia acabado de entrar. Ela estava elegantemente vestida, mas não parecia ter vindo para comemorar. Seus olhos procuraram imediatamente Washington. E encontraram. Ele ficou imóvel. Carla percebeu a mudança no rosto dele. Myrtes caminhou até ele. — Ton. Precisamos conversar. Ele olhou ao redor.— Agora? — Agora. Washington acompanhou Myrtes até um corredor mais reservado, distante dos convidados.

Assim que ficaram sozinhos, ela retirou um envelope da bolsa. Entregou a ele. Washington abriu. Por alguns segundos, não compreendeu. Então viu a imagem. Um exame de ultrassom. Seu olhar parou. — O que é isso? Myrtes não respondeu de imediato. Apontou para a data. Washington fez as contas mentalmente. O período correspondia exatamente aos dias em que os dois haviam voltado a se envolver.
Seu rosto perdeu a cor. — Você está grávida? Myrtes assentiu. — De você. Ele voltou a olhar para o exame. As mãos começaram a tremer. — Tem certeza?— Tenho. Washington passou a mão pelo rosto. — Por que você não me contou antes? — Porque queria ter certeza. Ela se aproximou.— Agora você sabe. Ele não conseguia tirar os olhos daquela pequena imagem. Uma criança. Seu filho. Mais uma vez, a vida colocava diante dele uma responsabilidade que não poderia ignorar. Myrtes percebeu a fragilidade dele.— Você vai ficar comigo. Washington levantou os olhos. — Myrtes... — Ou não verá esse bebê. Porque sou capaz de tira-lo antes que se forme. Ele ficou em silêncio.O choque atravessou o rosto dele.

— Não faça isso. — Então escolha. Ela respirou fundo. — Você vai voltar para mim e vai anunciar isso hoje.
Washington ficou completamente imóvel.— Na frente de todos. — Você está louca? — Talvez. Ela guardou o exame de volta no envelope. — Se você não disser que permanecerá casado comigo, acabou.
Washington olhou para ela, incrédulo. — Você está me obrigando a escolher. — Estou. Myrtes aproximou-se da porta. Antes de sair, voltou-se.— Pense bem, Ton.
Ela deixou o corredor. Washington permaneceu sozinho. Ao longe, podia ouvir a música, as conversas e as risadas. A festa continuava.
Todos comemoravam. Carla estava entre eles. Esperando por ele. Sem saber que, naquele instante, o futuro que Washington havia começado a imaginar ao lado dela acabara de ser colocado nas mãos de uma única imagem. Uma imagem de ultrassom. E de uma criança que talvez já estivesse mudando tudo.
Washington voltou ao salão. A música continuava tocando, os convidados conversavam e os garçons circulavam entre as mesas como se nada tivesse acontecido.

Mas, para ele, tudo parecia distante. Margarida foi a primeira a perceber que havia alguma coisa errada. — Ton? Ele apenas olhou para a mãe. Marcos aproximou-se logo depois. — Está na hora do seu discurso. Washington não respondeu. Seus olhos procuraram alguém no salão. Carla. Ele a encontrou perto de Mariana. Ela conversava tranquilamente, sem imaginar o que acabara de acontecer naquele corredor. Washington ficou olhando para ela por alguns segundos. Carla percebeu e levantou os olhos. Os dois se encararam. Havia uma distância enorme entre eles, embora estivessem no mesmo salão. Então Washington olhou para a mãe. Margarida entendeu. Os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela não sabia exatamente o que havia acontecido, mas conhecia o filho o suficiente para perceber que aquela expressão não era a de um homem prestes a fazer um discurso de comemoração. Marcos tocou discretamente seu braço. — Ton. Vamos. Washington permaneceu imóvel por alguns segundos. Marcos o conduziu em direção ao palco. Quando ele chegou diante do microfone,

alguns convidados começaram a aplaudir. Washington respirou fundo. Tentou sorrir. Nada. Uma voz entre os convidados brincou, tentando aliviar o clima: — Dê uma pausa para ele! Pela quarta vez, ele ainda não se acostumou a ser CEO da melhor empresa de perfumaria!Algumas pessoas riram. Washington também tentou. — É... talvez eu ainda esteja aprendendo. Sua voz saiu um pouco trêmula. Ele segurou o microfone com mais força. — Esse prêmio representa... representa o trabalho de muita gente. Parou. Respirou. — Da nossa equipe, das nossas famílias, dos nossos parceiros... Sua voz falhou.Ele tentou continuar. — E dessa nova parceria que estamos construindo... Faltou-lhe o ar. Washington levou discretamente a mão ao peito. O salão ficou silencioso. Margarida levantou-se parcialmente da cadeira. Carla continuava olhando para ele. Então Myrtes apareceu. Subiu ao palco. Alguns convidados se entreolharam. Washington virou-se para ela.— O que você está fazendo? Myrtes não respondeu. Apenas se aproximou, entrelaçou o braço no dele e tomou o microfone.

— Meu marido está emocionado. Um murmúrio percorreu o salão. Myrtes sorriu. — Além desse prêmio maravilhoso, recebemos uma notícia ainda mais especial. Washington ficou imóvel. — Vamos ser pais outra vez. O silêncio foi absoluto. Então alguns convidados começaram a aplaudir. Outros demoraram a reagir. Quem conhecia a situação entre os dois permaneceu parado. Mariana levou a mão à boca. Murilo ficou rígido. Marcos fechou os olhos por um instante. Margarida deixou uma lágrima escapar. Myrtes continuou: — E, para quem torcia contra o nosso amor... Ela olhou para Washington. — Ele é eterno. Antes que ele pudesse reagir, Myrtes o beijou. Washington permaneceu imóvel durante aqueles primeiros segundos. Depois retirou a mão dela de seu braço com um movimento brusco. Mas já era tarde. A notícia havia sido dada. Os olhares se voltaram imediatamente para Carla. Alguns convidados começaram a murmurar. — Meu Deus... — Você sabia? — Ela está ali... Os amigos de Carla não olharam para o palco. Olharam para ela. Mariana já estava chorando.

Murilo observava Carla com preocupação. Marcos permanecia ao lado de Washington. Carla, porém, não demonstrou nada. Seu rosto estava sereno. Quase completamente neutro. Ela olhava diretamente para Ton. Sem lágrimas. Sem raiva aparente. Sem qualquer palavra. Washington sentiu o peito apertar.

Ele conhecia aquele olhar. E talvez tivesse preferido vê-la gritar. Carla continuou olhando para ele por alguns segundos. Então desviou os olhos. Foi nesse momento distante de Carla que Marieta levou a mão ao peito.Seu corpo perdeu a força. Margarida se levantou imediatamente. — Marieta!

Algumas pessoas correram para ajudá-la. O salão tornou-se um caos. Mas Carla não se moveu. Ela apenas olhou para uma mesa próxima. Havia uma garrafa de vinho aberta. Carla caminhou até ela. Pegou a garrafa. Mariana percebeu. — Carla... Carla não respondeu. Levantou a garrafa. Por um instante, todos ficaram olhando. Ela ergueu-a silenciosamente, como se fizesse um brinde a alguma coisa que somente ela entendia. Depois virou-se de costas. E saiu.

Washington desceu do palco imediatamente. — Carla! Ele tentou segui-la. Marcos segurou seu braço.— Ton, não. — Me solta! Murilo segurou o outro lado. — Agora não. — Eu preciso falar com ela! — Não! — disse Mariana, chorando. — Segura ele. Ela olhou para Marcos e Murilo. — Ele precisa ficar longe da minha amiga. Washington tentou se soltar. — Carla! A porta do salão se fechou. Ela havia ido embora. O carro de Carla atravessou as ruas quase vazias. Ela dirigia sem saber exatamente para onde estava indo. A garrafa permanecia ao lado dela. As lágrimas finalmente começaram a cair. Não eram lágrimas de raiva. Eram de uma dor que parecia não caber dentro do próprio corpo. Quando chegou à praia, estacionou próximo à areia. Era um trecho quase deserto. O mar estava escuro. As ondas vinham e voltavam continuamente, indiferentes àquela noite. Carla saiu do carro. Levou a garrafa consigo. Sentou-se por alguns minutos na areia. Olhou para o vinho. Depois bebeu. Uma vez. Outra. E outra. Não havia prazer. Não havia comemoração. Era apenas uma tentativa desesperada de silenciar alguma coisa dentro dela.

Quando terminou a garrafa, levantou-se cambaleando e caminhou até a beira do mar. Ficou de frente para as ondas. O vento tocava seu rosto. Ela fechou os olhos. E então gritou. Um grito longo, desesperado, rasgado. — Por quê?! As ondas avançaram. Ela gritou novamente. — Por quê?! Sua voz se perdeu na imensidão da praia. Carla levou as mãos ao rosto. — Eu acreditei em você... Outro grito. — Eu acreditei! Ela continuou gritando até sua voz começar a falhar. Tudo o que havia segurado durante aqueles dias saiu de uma vez. O beijo. As promessas. Os planos. A aproximação com Eduardo. A esperança de que Ton finalmente escolheria uma vida ao lado dela. E agora aquela frase. Vamos ser pais outra vez. Carla caiu de joelhos na areia. O corpo já não tinha força. Depois de horas chorando, caminhou até uma grande pedra próxima à água e sentou-se encostada nela. As ondas continuavam chegando. Uma após outra. Sem pressa. Sem piedade. Carla abraçou os próprios joelhos. Chorou até não conseguir mais. O cansaço tomou conta do corpo. A cabeça tombou lentamente sobre a pedra.

E, naquela praia silenciosa, enquanto o mar continuava avançando e recuando diante dela, Carla finalmente adormeceu. Sozinha .**A Manhã Seguinte**
A primeira coisa que Carla sentiu foi o calor. Um calor suave, diferente do frio úmido da madrugada, tocando seu rosto através dos fios de cabelo espalhados sobre a testa. Ela franziu o rosto e tentou se mexer, mas uma dor incômoda atravessou suas costas. Abriu os olhos lentamente. Por alguns segundos, não reconheceu o lugar. O céu já estava claro. O sol da manhã surgia no horizonte, espalhando uma faixa dourada sobre o mar. As ondas continuavam chegando à praia com a mesma regularidade da noite anterior, mas agora tudo parecia diferente. Mais nítido. Mais cruel. Carla tentou se levantar. Uma dor percorreu seu pescoço, suas costas e uma das pernas. — Ai... Ela levou a mão à nuca. Havia dormido praticamente sentada, encostada na pedra, com o corpo torto e os músculos completamente contraídos. Foi então que percebeu alguma coisa sobre si. Um paletó. Carla arregalou os olhos e deu um pequeno salto para trás. Olhou ao redor.

A praia estava deserta. Completamente deserta. Apenas seu carro permanecia estacionado mais acima, próximo à areia. Ela puxou o paletó para longe do corpo e ficou olhando para ele. Como aquilo havia chegado ali? Carla olhou novamente para a garrafa vazia no chão. A lembrança da noite anterior voltou de uma vez.A festa. Myrtes. O anúncio. A gravidez. O beijo. Ton. Seu estômago se contraiu.Ela fechou os olhos por alguns segundos. — Meu Deus... Quando abriu novamente, olhou para o paletó. Não era seu. Carla se levantou devagar. Foi então que percebeu marcas na areia. Pegadas. Uma delas correspondia claramente aos seus próprios passos desordenados da noite anterior. Mas havia outras.Mais profundas. E maiores. Carla acompanhou com os olhos o caminho deixado na areia.Alguém havia estado ali. Um homem. Pelo tamanho das pegadas, provavelmente alguém alto. O medo tomou conta dela. Ela olhou rapidamente para o mar. Depois para as pedras. Para o estacionamento. Nada. Nenhuma pessoa. Nenhum movimento.

Apenas o som das ondas. Carla apertou o paletó contra o corpo por alguns segundos, sem saber se deveria deixá-lo ali ou levá-lo consigo. Então percebeu que havia algo diferente naquele tecido. Era pesado. Extremamente bem acabado. Ela passou os dedos pela lapela e encontrou a etiqueta. Kiton. Carla conhecia a marca.Não era um paletó comum. Aquele modelo fazia parte da linha K-50, conhecida pelo trabalho artesanal e pelo altíssimo padrão de acabamento. Ela olhou novamente para a peça. — Quem é você? Não havia ninguém para responder. Carla verificou os bolsos.Primeiro um. Vazio. Depois o outro. Nada. No bolso interno, porém, seus dedos encontraram alguma coisa. Um papel rígido. Ela puxou. Era uma fotografia. Carla ficou imóvel. Na imagem havia três pessoas.Dois homens e uma mulher. Os dois homens eram muito bonitos e tinham uma semelhança evidente entre si, como se fossem irmãos. Ao lado deles estava uma jovem igualmente bonita. Carla aproximou a fotografia do rosto. Ficou observando.

Havia alguma coisa naquela imagem que lhe causava uma sensação estranha. Não era reconhecimento. Era apenas a impressão de que aquela fotografia carregava uma história que ela desconhecia completamente. Seus olhos permaneceram sobre os três rostos por alguns segundos. Então a lembrança da noite anterior voltou com violência. Ela fechou os olhos. A voz de Myrtes. Vamos ser pais outra vez. O beijo. O olhar de Ton. A expressão de Margarida. Marieta desmaiando. Mariana chorando. Tudo passou pela sua mente de uma só vez. Carla abriu os olhos. Seu rosto estava diferente. Não havia mais lágrimas. Nenhuma expressão de desespero. Apenas um vazio profundo. Ela colocou a fotografia novamente no bolso interno do paletó. Dobrou cuidadosamente a peça. Por um instante, olhou para as pegadas na areia. Depois caminhou até o carro. Abriu a porta. Antes de entrar, voltou-se para o mar. O sol já estava alto o suficiente para iluminar toda a extensão da praia. Carla ficou olhando para ele. A luz era forte. Quase impossível de encarar diretamente. Mesmo assim, ela não desviou os olhos.

Entrou no carro. Colocou as mãos sobre o volante. Permaneceu alguns segundos parada. Então ligou o motor. O paletó estava no banco ao lado. A fotografia permanecia escondida em seu bolso. Carla olhou uma última vez para o sol através do para-brisa. Não chorou.Não sorriu. Não disse nada. Apenas engatou o carro e deixou a praia para trás. Enquanto dirigia, seu rosto permanecia completamente sem expressão. Como se, durante aquela noite, alguma coisa dentro dela tivesse chorado tudo o que ainda era capaz de chorar. E agora só restasse seguir em frente.

posfácio

Antes de entrar no salão da festa, permaneceu alguns minutos dentro do carro, com a cabeça encostada no banco. Sentia uma forte dor de cabeça. Tomou um comprimido e, por alguns instantes, ficou em silêncio. Então retirou do bolso do paletó uma fotografia. Nela estavam ele e mais duas pessoas. Ele observou a imagem por alguns segundos, enquanto lágrimas silenciosas escorriam por seu rosto.

Com um suspiro doloroso, guardou a fotografia novamente no bolso....
Quando Carla finalmente adormeceu, exausta de tanto chorar, Ele se aproximou. Retirou o paletó que havia deixado no carro antes de entrar na festa e o colocou cuidadosamente sobre ela, protegendo-a do frio da noite. Depois, permaneceu por perto. Não queria que nada lhe acontecesse. Passou a noite em silêncio, mantendo-se distante o suficiente para não ser percebido, mas perto o bastante para intervir caso fosse necessário.
A madrugada passou lentamente. Quando o céu começou a clarear, ele percebeu que Carla estava fora do perigo daquela noite. Em breve acordaria. Ele olhou para ela uma última vez. Depois entrou no carro.Na praia, Carla continuava dormindo. Sobre seu corpo estava o paletó de um homem que ela nunca havia visto. E, no bolso daquele paletó, permanecia uma fotografia de três pessoas que carregavam uma história que Carla ainda não conhecia.